


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

ALINE APARECIDA DOS SANTOS

**DE PROPP A RICŒUR:** origens e impasses da  
semiótica narrativa



ARARAQUARA – S.P.  
2014

ALINE APARECIDA DOS SANTOS

## **DE PROPP A RICŒUR: origens e impasses da semiótica narrativa**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais.

**Orientador:** Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

**Bolsa:** FAPESP (Processo n. 2012/21220-6).

ARARAQUARA – S.P.  
2014

Santos, Aline Aparecida dos

De Propp a Ricoeur: origens e impasses da semiótica narrativa / Aline  
Aparecida dos Santos – 2014

84 f.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade  
Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Orientador: Jean Cristtus Portela

1. Linguística. 2. Semiótica. 3. Narrativa (Retórica).
4. Greimas, Algirdas Julien, 1917- 1992.
5. Propp, V. Ia. (Vladimir Iakovlevich), 1895-1970.
6. Ricoeur, Paul, 1913-2005. I. Título.

ALINE APARECIDA DOS SANTOS

## **DE PROPP A RICŒUR: origens e impasses da semiótica narrativa**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

**Orientador:** Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

**Bolsa:** FAPESP (Processo n.2012/21220-6).

Data da defesa: 25/07/2014

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. Jean Cristtus Portela (FCLAr/FAAC/UNESP)

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Arnaldo Cortina (FCLAr/UNESP)

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes (FFLCH/USP)

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Câmpus de Araraquara**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, pela confiança, incentivo, disposição, compreensão, generosidade e rigor;

À FAPESP, pelo financiamento durante os últimos 10 meses, que tornou possível a minha dedicação integral à pesquisa (Processo n. 2012/21220-6);

À CAPES pelo financiamento durante os primeiros 14 meses;

Ao Prof. Dr. Arnaldo Cortina e ao Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes, pelas correções e contribuições feitas por ocasião da defesa;

Ao Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes e à Profa. Dra. Renata Marchezan, pela leitura do meu trabalho e pelas contribuições, no Exame Geral de Qualificação;

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, pelo suporte institucional e auxílio técnico sempre que foi necessário;

Aos amigos da UNESP, que são fontes inesgotáveis de motivação;

À Cintia, pelo apoio constante, tanto acadêmico, como na vida, pela disposição e pela rica amizade;

Às minhas irmãs, Lilian e Marília, pela paciência;

Aos meus pais, por me apoiarem incondicionalmente;

E ao Bruno, pelo estímulo e afeto imensurável.

## RESUMO

A semiótica greimasiana iniciou seu percurso teórico com a proposição de uma semântica gerativa, geral e discursiva. Logo desenvolveu a sua base inicial: o percurso gerativo de sentido. No âmbito do percurso, o nível narrativo se tornou o mais desenvolvido, até a década de 1980, momento em que os estudos se voltaram para o desenvolvimento da semiótica das paixões e do nível discursivo. Neste trabalho, empreendemos um estudo desse desenvolvimento que se inicia com as influências estruturais e formalistas, passa pela consolidação do modelo de aplicação da semiótica narrativa e, então, culmina com as mudanças que fazem com que a semiótica dos anos 1980 não seja mais a mesma da década de 1960. Buscamos na Historiografia Linguística a metodologia para nos respaldar nesse percurso que foi traçado em três etapas: a primeira, sobre as origens da semiótica narrativa, com a retomada dos estudos de V. Propp e de Lévi-Strauss; a segunda etapa, sobre a cronologia das obras greimasianas partindo da *Sémantique structurale* (1966) até *Du Sens II* (1983); e a terceira etapa, na qual buscamos compreender os impasses da teoria em pelo menos três questões levantadas e discutidas pelo filósofo P. Ricœur: (1) sobre a lógica das conversões entre os níveis profundo e superficial, (2) a questão da temporalidade e (3) sobre a semiótica ser uma teoria interpretativa, ou seja, não somente explicativa, mas também compreensiva. Dessa forma, compreendemos que Greimas partiu dos estudos narratológicos de Propp e dos estudos do mito de Lévi-Strauss e definiu os elementos que tornaram a semiótica narrativa um paradigma científico. Esse paradigma, no entanto, não permanece restrito às suas características iniciais. E é a partir das questões ricœurianas que correspondem a alguns dos impasses que o paradigma apresentou que pudemos compreender seu percurso de desenvolvimento e mudança.

**Palavras – chave:** Semiótica narrativa. Epistemologia. Propp. Greimas. Ricœur.

## ABSTRACT

Generative Greimassian semiotics began its theoretical path with the proposal of a generative, general and discursive semantics. Its pillar was soon developed: the generative trajectory of meaning. With its complexification, the narrative level became the most developed, until the 1980s, when the focus of study shifted to the development of the Semiotics of passions and of the discursive level, and beyond the trajectory. We carried out a study of this path of development, which begins with the structural and formalist influences, taking in the consolidation of the model of application of narrative semiotics, and culminating with the changes that have led to Semiotics of the 1980s being different from what it was in the 1960s. We adopted the Linguistic Historiography and methodology as bases of this path, outlined in three stages: the first one, on the origins of narrative semiotics, with the return to the studies of V. Propp and Lévi-Strauss; the second stage about the chronology of the Greimassian works, starting with *Sémantique structurale* (1966) until *Du Sens II* (1983); and the third stage, in which we sought to understand the impasses of the theory in at least three questions raised and discussed by the philosopher P. Ricœur: (1) the logic of the conversions among the deep and the surface levels; (2) the “temporalization” and (3) Semiotics as an interpretive theory, i.e. not merely explanatory, but also comprehensive. Thus, we understand that Greimas started from Propp’s narratological studies and the studies on the myth, by Lévi-Strauss, defining the elements that made the narrative semiotics one scientific paradigm. This paradigm, however, does not remain restrict to its initial characteristics. Therefore, from the ricœurian questions, which correspond to some impasses showed by the paradigm, we could understand its path of development and change.

**Keywords:** Narrative semiotics. Epistemology. Propp. Greimas. Ricœur.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 PENSAR AS ORIGENS DA SEMIÓTICA NARRATIVA .....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Em busca do método.....</b>	<b>19</b>
1.1.1 Fundamentos básicos da Historiografia Linguística .....	19
1.1.2 Elementos e parâmetros selecionados para o desenvolvimento desta pesquisa .....	22
<b>1.2 As origens da Semiótica narrativa.....</b>	<b>23</b>
1.2.1 A recepção de V. Propp .....	24
1.2.1.1 A relação entre A. J. Greimas e V. Propp .....	27
1.2.2 C. Lévi-Strauss e o estudo estrutural do mito .....	32
1.2.3 A. J. Greimas e a <i>Sémantique structurale</i> .....	36
<b>2 O PERCURSO DA SEMIÓTICA NARRATIVA COMO PARADIGMA CIENTÍFICO..</b>	<b>40</b>
<b>2.1 As primeiras bases .....</b>	<b>40</b>
2.1.1 A sintaxe fundamental e a gramática narrativa de superfície .....	40
2.1.2 Sistema actancial.....	43
2.1.3 O esquema narrativo canônico .....	46
<b>2.2 A Consolidação da semiótica narrativa .....</b>	<b>48</b>
2.2.1 Modalidades.....	48
2.2.2 Aspectualização .....	54
<b>3 IMPASSES QUE CULMINARAM COM A MUDANÇA DO PARADIGMA.....</b>	<b>58</b>
<b>As críticas de Ricœur .....</b>	<b>58</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE A - CRONOLOGIA DA OBRA GREIMASIANA ANALISADA .....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE B – INVENTÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS DA SEMIÓTICA NARRATIVA .....</b>	<b>80</b>



## INTRODUÇÃO

### *A. J. Greimas e a semiótica narrativa*

[...] Numa palavra, as ferramentas, as preocupações, as problemáticas, os modelos, sem falar das referências (mencionadas, esquecidas, recuperadas - pense-se em particular na referência a Merleau-Ponty), nem do estilo de escritura, tudo, ou quase, nesses pouco mais de trinta anos mudou entre os semioticistas, várias vezes em certos casos. Trivialmente, é que, no intervalo, eles viveram! Como se diz, passando o tempo, eles “amaduraram”. E naturalmente, nesse mesmo tempo, à maneira dos frutos, inclusive a própria Semiótica - entidade também viva - amadureceu. Ou pelo menos ela se transformou. (LANDOWSKI, 1995, p. 9)

Neste trabalho, tendo como objetivo explicitar e compreender o percurso de elaboração teórica da **semiótica narrativa** de Greimas, investigamos as influências que tornaram possível a formação da semiótica narrativa como um paradigma científico<sup>1</sup> e como uma disciplina. Nesse percurso, dentre inúmeras influências, duas vertentes se destacaram: o **estruturalismo linguístico** europeu e os **estudos do folclore**.

Apesar de F. Saussure e de L. Hjelmslev serem os expoentes máximos da linguística estrutural, ao longo de nossas pesquisas, percebemos que para o desenvolvimento especificamente da semiótica narrativa, os estudos de V. Propp sobre o conto russo e os estudos de C. Lévi-Strauss sobre o mito foram os que realmente contribuíram solidamente na construção da obra greimasiana. Para contribuir com nosso estudo sobre a semiótica narrativa, recorreremos a P. Ricœur, que ao longo de pelo menos 15 anos dedicou-se a questionar a obra greimasiana, oferecendo uma crítica do paradigma que estudamos.

Segundo Lopes (1995, p. 44) a importância da obra saussuriana, após a sua morte e ao longo de todo o século XX, pode ser constatada pela substituição da ideia de signo que designava apenas o plano do significante pela ideia de uma unidade indissolúvel de significante mais significado e pela reintrodução da semântica, possibilitando a Greimas considerá-la como uma disciplina semiológica. Sobre a influência saussuriana na obra de Greimas:

Desde logo, parece que nada do que Saussure fez – exceto, quiçá, sua brilhante pré-formalização do conceito da estrutura elementar da

---

<sup>1</sup> Embora a semiótica tenha sido definida por Greimas como um projeto de vocação científica e não propriamente como uma ciência, nosso trabalho busca reconhecer nela a sistematicidade e a constituição de uma empreitada científica. Dessa forma, utilizamos o conceito de paradigma científico, na definição de T. S. Kuhn (2000).

significação – parece ter contado muito para a elaboração *hard core*, o “núcleo duro” da semiótica greimasiana que repousa, sem dúvida, na construção do modelo gerativo. Aqui, nesse lugar teórico mais do que em qualquer outra parte, o modelo semiótico greimasiano supera e ultrapassa as dicotomias saussurianas, dinamizando-as e construindo com elas a explicação de que o discurso se origina do encontro de estruturas lexemáticas novas, do nível da manifestação, com uma velha estrutura sintático-semântica, do nível semionarrativo. (LOPES, 1995, p. 52)

O estruturalismo linguístico europeu se tornou um dos paradigmas fundamentais das ciências humanas, como atestam, por exemplo, os trabalhos de R. Jakobson, de L. Tesnière, de É. Benveniste, de L. Hjelmslev e, por consequência, de A. J. Greimas. O denominador comum que aproxima todas as teorias estruturalistas é o seu objeto: conjuntos significantes tomados como construções articuladas por uma rede de dependências internas (LOPES 1997, p. 34).

Greimas filia-se à tradição saussuriana e hjelmsleviana. Por isso, vai acolher propostas de autores, como Brøndal, Jakobson, Lévi-Strauss, Dumézil, etc., que, de maneira direta ou indireta, explícita ou implícita, também podem colocar-se nessa filiação. Evidentemente, Greimas vai ressignificar a obra de Saussure e de Hjelmslev, sem o que seria não um fundador, mas um continuador [...]. (FIORIN, 1995, p. 23)

Sabe-se que o modelo gerativo, além do estruturalismo linguístico, teve como influência os estudos narratológicos. Alguns autores no âmbito dos estudos de mito, folclore e literatura tiveram ideias convergentes no que diz respeito ao estudo da narrativa. No domínio do estruturalismo francês, podemos citar C. Lévi-Strauss, T. Todorov, C. Bremond e R. Barthes. No domínio pioneiro do chamado formalismo russo e da tradição alemã de estudos do folclore, despontam os nomes de V. Propp, B. Tomachevski e A. Jolles. A principal característica em comum a esses diferentes estudos, segundo Bertrand (2003, p. 266), é o esforço de racionalização da ficção narrativa, que ocasionou uma profunda reviravolta metodológica, levando à constituição da narratologia.

A mudança metodológica introduzida pela narratologia consiste então em denunciar a pertinência da cronologia, em substituir a estória pela estrutura, em desprender-se da inteligência narrativa histórica em favor das coerções estruturais acrônicas. (BERTRAND, 2003, p. 267)

Segundo Bertrand (2003, p. 267 - 268) essa revolução metodológica é devida a algumas causas. A primeira é que a diversidade cultural e a variedade das formas de expressão e seus suportes e das classes narrativas dos gêneros e subgêneros condenam à ineficácia o método indutivo. Como segunda razão, surge o método dedutivo que parece

impor-se de maneira a distinguir as complexidades do fenômeno e reconhecer suas regularidades. A terceira causa, consiste na influência dos métodos linguísticos e suas categorias fundamentais (como a dicotomia sistema/processo); e a última razão é o caráter autônomo e orgânico de todo sistema: prioridade do todo sobre as partes, hierarquia dos níveis de análise, possibilidade de integração dos elementos constitutivos no conjunto. Essa revolução abriu caminho para novos estudos da narrativa, como aquele proposto nos primórdios da semiótica francesa.

O principal responsável pelo desenvolvimento da semiótica francesa é o lituano Algirdas Julien Greimas. Entre os que tomaram parte na elaboração da semiótica podemos citar, em meio aos que se dedicaram ao discurso literário, J. Courtés, J. Geninasca, C. Zilberberg, J. Fontanille, D. Bertrand; e entre os que “desbravaram campos de estudo bastante originais em semiótica” (PORTELA, 2008, p. 30), citamos I. Darrault (semiótica e psicanálise), J.-M. Floch e F. Thürlemann (semiótica visual) e J. Petitot (semiótica e matemática). Além disso, a própria semiótica é tomada como objeto de reflexão de diversos estudiosos, como A. Hénault, H. Parret, H. Ruprecht, D. P. de Barros, J. L. Fiorin e E. Lopes. Partiremos do pressuposto, nesta pesquisa, de que a semiótica francesa passou, até a atualidade, por três sínteses ou fases (HÉNAULT, 2006)<sup>2</sup>. A primeira fase **1966** corresponde à época do lançamento de *Sémantique structurale* [1966]<sup>3</sup>, obra considerada como o “discurso fundador” da semiótica narrativa (FIORIN, 1995, p. 17). Greimas desenvolveu nessa obra as primeiras bases da semiótica: as relações binárias, as articulações sêmicas, a verificação de um nível aparente e um imanente, a isotopia entre actante e função, a primeira diferenciação entre sujeito, actantes e atores. Temos aqui a proposição de uma semântica gerativa, geral e discursiva. A ideia do percurso gerativo de sentido já se achava esboçada na *Sémantique structurale*.

Na segunda fase, de **1966** até **1979**, há a constituição efetiva do percurso gerativo de sentido. Greimas elaborou uma teoria com foco nos simulacros da ação do homem e principalmente: a relação do sujeito com o objeto. Entretanto, nessa etapa, o modelo ainda é, muitas vezes, restrito à análise de narrativas etnoliterárias. No início do período, o sistema

---

<sup>2</sup> Esta periodização de A. Hénault foi publicada originalmente em francês em 1992 sob o título de *Histoire de la sémiotique*. Paris: Presses Universitaires de France. Assim, os trabalhos de Greimas publicados após 1992 (postumamente) não foram considerados.

<sup>3</sup> A data entre colchetes refere-se ao ano de publicação original e a data entre parênteses corresponde às referências utilizadas neste trabalho.

actancial e o esquema narrativo baseados em V. Propp ainda são utilizados e difundidos, assim como a análise estrutural do mito, desenvolvida por Lévi-Strauss. Com a publicação de *Sobre o sentido* [1970], segundo Hénault (2006, p. 138), grandes textos de Greimas esclareceram pontos específicos e trouxeram novos desenvolvimentos para a teoria. Entre os mais importantes, reunidos na obra citada, estão: “O jogo das restrições semióticas” [1968] (com F. Rastier) e “Elementos de uma gramática narrativa” [1969]. A consolidação da teoria veio com o estudo das modalidades e com o lançamento de *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques* [1976], que apresentou uma análise narrativa minuciosa, além de introduzir conceitos novos como a aspectualização, que era conhecida tão somente no âmbito dos estudos gramaticais. Para completar a etapa de consolidação da teoria, Greimas e Courtés lançaram em 1979 o *Dicionário de Semiótica*, que reúne os principais conceitos da teoria.

A terceira fase corresponde ao período de **1980 a 1991**. Segundo Hénault (2006, p. 147) os estudos dessa fase são dirigidos para uma possível semiótica das paixões, que viria se consolidar com o livro homônimo de 1991 *Semiótica das paixões*<sup>4</sup>. Consiste numa fase de questionamentos e de desenvolvimentos principalmente em torno do nível mais profundo e do mais superficial da teoria, que até então estavam pouco explorados.

Os derradeiros trabalhos de Greimas se esforçaram para reinterpretar em termos aspectuais (e não mais modais) tudo o que dizia respeito à esfera do sentimento (o tímico) e de circunscrever ao lado das aspectualizações no nível discursivo (as diversas maneiras de fazer existir o espaço, o tempo e a atitude dos atores) as aspectualidades profundas que dizem respeito às diversas aspectualizações. (HÉNAULT, 2006, p. 149)

Neste trabalho, como nosso propósito é estudar a formulação da semiótica narrativa, exploramos essencialmente o **nível narrativo** do percurso gerativo de sentido, que é considerado o mais desenvolvido da teoria semiótica. Para segmentar o percurso da Semiótica e assim poder delimitar nosso objeto e cópús, adotamos a periodização que compreende a semiótica em três fases, desenvolvida por Hénault (2006).

Dessa forma, na primeira fase, que corresponde a **1966**, abordaremos a *Sémantique structurale* [1966]; na segunda fase, que vai de **1966 a 1979**, nossa atenção vai deter-se nas obras *Sobre o sentido* [1970], *Maupassant* [1976] e *Dicionário de Semiótica* [1979] e alguns artigos de *Du sens II* [1983], que foram originalmente publicados no período considerado. O

---

<sup>4</sup> GREIMAS, A.J., FONTANILLE, J., *Sémiotique des passions. Des états des choses aux états d’âme*, Seuil, Paris, 1991.

terceiro, período de **1980 a 1991**, não será abordado nesta pesquisa, e isso devido a limitações inerentes a uma dissertação de mestrado e ao fato de que esse período é marcado por sucessivas reelaborações da teoria, seja na direção da compreensão no nível profundo, seja nos desdobramentos referentes ao nível discursivo, à figuratividade e à enunciação, estando esse período, portanto, fora do escopo de quem se interessa pela elaboração basilar da semiótica narrativa.

### *Os objetivos e o corpus*

Nosso objetivo geral consistiu em empreender, por meio de um percurso histórico-conceitual, um estudo epistemológico da semiótica narrativa de inspiração greimasiana, aprofundando-nos, sempre que possível, em sua historiografia. O estudo foi desenvolvido em três etapas descritas a seguir.

Em relação à primeira etapa do trabalho, que consistiu em aprofundar os estudos sobre as origens da semiótica narrativa, trabalhamos principalmente com a abordagem historiográfica. Segundo Altman (2012, p. 12), a historiografia linguística se estabeleceu como uma legítima linha de pesquisa acadêmica com o objetivo principal de resgatar a história das formas de conhecimento que produzimos e que tenham tido por objeto as formas de linguagem humana e seus significados. Em outras palavras, essa abordagem consiste em recorrer a fontes de diversas naturezas para compreender como uma teoria ou conceito é “historiado”, definido e utilizado.

Entre os estudiosos que abordamos nesta etapa podemos citar: E. Landowski (1995, 2005), E. Lopes (1995, 1997), J. L. Fiorin (1995), A. Hénault (2006, 1983), Bertrand (2003) e J. C. Portela (2008).

Na segunda etapa, para compreender o desenvolvimento da semiótica narrativa inventariando e analisando seus conceitos e aplicações, além do embasamento historiográfico, investigamos diretamente na obra greimasiana os indícios desse desenvolvimento.

E por fim, na terceira etapa, que consiste em analisar as questões propostas por P. Ricœur sobre o modelo narrativo greimasiano, o foco é principalmente nos textos que constam do corpus que trazem tanto as considerações de Ricœur sobre a narratividade e a semiótica greimasiana, quanto os diálogos entre o filósofo e Greimas.

Dessa forma, será a partir dos discursos greimasianos originais e dos discursos sobre esses discursos, que pretendemos investigar a epistemologia da semiótica narrativa. Nosso corpus de análise consiste, então, em um inventário de textos da obra greimasiana, de autores

relacionados às origens da semiótica narrativa e de textos que registram o rico diálogo entre Ricœur e Greimas.

Para o primeiro objetivo proposto, que consiste em aprofundar os estudos sobre as origens da semiótica narrativa, vamos estudar V. Propp, C. Lévi-Strauss e a fortuna crítica pertinente aos desdobramentos narratológicos que nos interessam.

Vladimir Iakovlevich Propp (1895-1970) lançou a *Morfologia do Conto Maravilhoso* na Rússia em 1928, que só teve a repercussão que conhecemos após sua tradução para a língua inglesa em 1958<sup>5</sup> e mais precisamente após a crítica de Lévi-Strauss sobre a *Morfologia* no artigo “A estrutura e a forma” [1960]. Nessa obra, Propp definiu o conto de magia russo de duas maneiras: do ponto de vista funcional (relatos com 31 funções) e actancial (gênero que se desenvolve em torno de 7 esferas de ação) e desenvolveu um método de análise que priorizava os elementos invariantes e a forma sintagmática das narrativas. Segundo Propp (2010, p. 17) a *Morfologia do conto maravilhoso* [1928] foi o estudo estrutural prévio necessário para que pudesse desenvolver a obra *As raízes históricas do conto maravilhoso* [1946]. Juntas, as duas obras proppianas são partes de uma mesma pesquisa que considerou o texto folclórico em três aspectos: do ponto de vista da sua estrutura, da sua relação genética com o rito e do seu funcionamento na sociedade. Propp influenciou autores no âmbito dos estudos dos mitos, dos contos populares orais ou escritos e das narrativas literárias. Além de ter contribuído diretamente para a construção do modelo actancial greimasiano, Propp é citado inúmeras vezes em diversas obras de Greimas.

Considerado um dos grandes pensadores do século XX, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908 - 2009), cuja excepcional longevidade o fez viver mais que todos os seus contemporâneos, foi um dos estudiosos que Greimas estudou para elaborar a semiótica. Em sua época, Lévi-Strauss rompeu com a epistemologia vigente, ao desenvolver um método de análise que trazia elementos da Linguística, mais especificamente da fonologia e da linguística geral de F. de Saussure. O primeiro trabalho em que aplicou a nova metalinguagem e a metodologia linguística adaptadas foi *As estruturas elementares do parentesco* [1949]. A partir daí, houve o predomínio da metodologia estrutural nas análises antropológicas e etnográficas. Em 1960, Lévi-Strauss publicou o artigo “A estrutura e a forma: reflexões sobre uma obra de V. Propp”, na qual se opõe ao trabalho de Propp por apresentar um modelo não linear, acrônico, que prioriza o aspecto paradigmático e aponta para a variação da estrutura

---

<sup>5</sup> PROPP, V. *Morphology of the Folktale*, tradução de Laurence Scott, Bloomington: 1958.

narrativa. Esse texto e a sua análise estrutural do mito desenvolvida na obra *Antropologia estrutural* [1958] são as obras de C. Lévi-Strauss selecionadas para o nosso cópús.

Para o segundo objetivo, que é investigar o desenvolvimento da semiótica narrativa, inventariando e analisando seus conceitos e aplicações, fizemos o seguinte recorte cronológico das obras greimasianas<sup>6</sup>:

- [1963] “A mitologia comparada” (*Sobre o sentido*, 1970)
- [1966] *Sémantique structurale*
- [1966] “Por uma teoria de interpretação da narrativa mítica” (*Sobre o sentido*, 1970)
- [1967] “A estrutura dos actantes da narrativa” (*Sobre o sentido*, 1970)
- [1968] “O jogo das restrições semióticas” (com F. Rastier, *Sobre o sentido*, 1970)
- [1969] “Elementos de uma gramática narrativa” (*Sobre o sentido*, 1970)
- [1970] “A busca do medo” (*Sobre o sentido*, 1970)
- [1970] *Sobre o sentido – Ensaio semióticos*
- [1973] « Un problème de sémiotique narrative: les objets de valeur » (*Du Sens II*, 1983)
- [1973] « Les actants, les acteurs et les figures » (*Du Sens II*, 1983)
- [1976] *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques*
- [1976] « Pour une théorie des modalités » (*Du Sens II*, 1983)
- [1976] “As aquisições e os projetos” Prefácio do livro de J. Courtès: *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*
- [1979] *Dicionário de Semiótica*, com J. Courtés
- [1979] « De la modalisation de l’être » (*Du Sens II*, 1983)

Este recorte abrange as relações entre Greimas, Propp e Lévi-Strauss, os desenvolvimentos dos conceitos-chave da semiótica narrativa e as bases para as questões levantadas por P. Ricœur, de que vamos nos ocupar a seguir.

Por fim, como terceiro objetivo, revimos algumas das questões propostas pelo filósofo Paul Ricœur (1913-2005) sobre a semiótica narrativa de origem greimasiana para compreender seu raciocínio diante da teoria de origem estrutural. Entre as obras greimasianas examinadas por Ricœur estão *Sémantique structurale* [1966], *Sobre o sentido* ([1970] 1975) e *Maupassant* [1976]. Sobre a abordagem que Ricœur fez da semiótica:

---

<sup>6</sup> Essas e outras obras greimasianas que foram consultadas ao longo da pesquisa estão inventariadas cronologicamente no ANEXO A.

Ainda hoje, o debate teórico que foi aberto, em grande medida, graças à intervenção de Ricœur, não está terminado entre os próprios semióticos. [...] Vê-se, ao nos impulsionar a ultrapassar algumas de nossas prevenções, o hermenêuta nos terá finalmente ajudado a todos a melhor avaliar o alcance de nossa tarefa de semióticos e a abrir o leque de nossas interrogações e de nossos métodos de análise. (LANDOWSKI, 2005, p. 238)

Ricœur propôs a construção de uma hermenêutica fenomenológica de caráter reflexivo, cujo principal foco é a existência humana – a ser compreendida por meio dos signos nos quais ela se objetiva, como, por exemplo, nos textos e nas ações. Em relação à teoria semiótica, sabemos que seu objeto de estudo é o discurso, afastando-se de qualquer tipo de ontologia. Ricœur (1980, p. 293) define muito bem as intenções de Greimas: “O interesse da gramática narrativa de Greimas é o de compor degrau por degrau as condições da narratividade a partir de um modelo lógico tão pouco complexo quanto possível e que não comporta inicialmente nenhum caráter cronológico”. Ricœur questiona, entre outros tópicos, a distinção entre gramática fundamental e gramática narrativa de superfície:

A questão é saber se, para alcançar a estrutura das narrativas efetivamente produzidas pelas tradições orais e escritas, as adjunções sucessivas que o autor realiza para enriquecer o seu modelo inicial extraem as suas capacidades especificamente narrativas do modelo inicial ou então de pressuposições extrínsecas. (RICŒUR, 1980, p. 293)

O autor afirma não ser possível que as estruturas lógicas do nível profundo possam simplesmente tornar-se mais complexas, de maneira completamente equivalente. Ele afirma que no momento em que a semântica da ação traz as significações maiores do fazer e a estrutura específica dos enunciados que se referem à ação, a gramática de superfície é na verdade uma gramática mista: semiótico-prática. Vamos retomar o diálogo entre o filósofo e o semiótico exposto nos seguintes textos:

[1980] “A gramática narrativa de Greimas”

[1983] O artigo de M. Coquet “Rencontre entre Greimas et Ricœur”

[1984] “As injunções semióticas da narratividade”. Capítulo 2 da obra *Tempo e Narrativa*, tomo 2.

[1985] « Figuration et configuration: à propos du Maupassant de A. J. Greimas »

[1990] « Entre herméneutique et sémiotique »



### *Metodologia e estrutura da dissertação*

A obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* ([1962] 2000) de T. S. Kuhn, embora voltada para as ciências naturais, inspirou diversos cientistas sociais. K. Koerner (KOERNER, 1996, p. 48) afirma que várias motivações levaram a esse fato: “a falta de conhecimento do trabalho de outros filósofos da ciência e historiadores, anteriores e contemporâneos, a falta de precisão de muitas das definições e sua ênfase na dinâmica social que envolvia tais mudanças”. A questão, aliás, da “falta de precisão de muitas definições” foi uma das principais repercussões da obra de Kuhn, que diante desses fatos retomou os conceitos considerados ambíguos e os “redefiniu” no posfácio da 5ª edição. A redefinição que nos interessa aqui é a de **paradigma científico**:

Percebe-se rapidamente que na maior parte do livro o termo “paradigma” é usado em dois sentidos diferentes. De um lado, indica toda a constelação de crenças, valores, técnicas, etc...., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada. De outro, denota um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal. O primeiro sentido do termo, chamaremos de sociológico. O outro é o paradigma enquanto realizações passadas dotadas de natureza exemplar. (KUHN, 2000, p. 218)

Vamos utilizar aqui a seguinte acepção do termo: “paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma” (KUHN, 2000, p. 219).

Além do conceito de paradigma científico, a ideia central desenvolvida por Kuhn (2000) sobre progresso científico consiste em pensar que cada nova etapa de evolução implica uma ruptura com o conhecimento anterior. Um novo paradigma só é possível por meio da descontinuidade. A princípio o conceito de progresso científico também nos interessou, na medida em que nosso foco nesta pesquisa é de buscar compreender o percurso da semiótica narrativa como paradigma científico. Entretanto, percebemos que eram necessárias algumas adaptações da teoria kuhniana para a nossa metodologia e, então, buscamos em Altman um desenvolvimento já avançado em relação a esse aspecto:

[...] Parece razoável admitir que o avanço - no sentido denotativo do termo - do conhecimento que produzimos em ciência(s) da linguagem ocorre não só por **rupturas** e **descontinuidades**, mas também por **acumulações** e **continuidades**. Ou seja, há momentos de divergência e diversificação, como também há os de convergência e unificação, e ambos parecem ser

igualmente importantes para o refinamento do conhecimento produzido no âmbito da disciplina. No mínimo, precisamos admitir que a questão do desenvolvimento da Linguística, e da sua historiografia, é mais complexa do que a simples sucessão cronológica de paradigmas concorrentes. (ALTMAN, 2004, p. 38, grifo nosso)

Dessa forma, mantemos o conceito de paradigma científico nos moldes kuhnianos, como definido acima, mas em relação à metodologia para analisar o percurso da semiótica narrativa, entendemos que o método desenvolvido por Kuhn, que considera somente as rupturas e descontinuidades, não é completamente adequado. Logo, para suprir essa necessidade, buscamos a metodologia da Historiografia Linguística, que é uma disciplina que considera em princípio os diversos fatores que constituem um paradigma científico.

Como mencionamos anteriormente, houve três períodos distintamente caracterizados no pensamento e conseqüentemente na obra greimasianos, nossa intenção neste estudo foi compreender os pormenores dessa caracterização. Nossa investigação se concentrou nas questões voltadas para a construção do paradigma científico da semiótica, de modo a traçar a historiografia da semiótica narrativa por meio da sua epistemologia.

Esta dissertação foi desenvolvida em três partes, cada uma direcionada a um dos objetivos propostos e descritos anteriormente. Logo, o Capítulo 1, Pensar as origens da semiótica narrativa, trata da abordagem historiográfica desta pesquisa e da retomada dos estudos de V. Propp, Lévi-Strauss e da *Sémantique structurale* [1966] de A. J. Greimas.

No Capítulo 2, A semiótica narrativa como paradigma científico, traçamos a cronologia da obra greimasiana no que diz respeito ao estudo da narrativa, de acordo com a periodização de Hénault (2006), inventariando os conceitos-chave da teoria e relacionando-os às teorias estudadas no primeiro capítulo. Buscamos também compreender de que maneira Greimas sistematizou a teoria e como foi a sua consolidação.

No Capítulo 3, Impasses que culminaram com a mudança do paradigma, estudamos as questões que P. Ricœur dirigiu a Greimas e em torno da teoria e o diálogo entre os dois.

Nas Considerações finais apresentamos os resultados que obtivemos com a abordagem historiográfica e com os estudos que empreendemos das relações entre A. J. Greimas e Propp, Lévi-Strauss e P. Ricœur, buscando demonstrar a coerência do desenvolvimento da semiótica narrativa como percurso de elaboração do conhecimento que visa à cientificidade.

## 1 PENSAR AS ORIGENS DA SEMIÓTICA NARRATIVA

Neste capítulo, dividido em duas partes, nós apresentamos como foi desenvolvido o método de análise desta pesquisa, baseado nos estudos de Koerner (1996), Swiggers (2009, 2010), Nascimento (2005), Kuhn (2000) e Altman (2004 e 2012). Em seguida, retomamos os estudos sobre a recepção da obra de V. Propp e também de C. Lévi-Strauss e o estudo estrutural do mito. Ainda neste capítulo, apresentamos a *Sémantique Structurale* [1966] de A. J. Greimas, que é considerada o discurso fundador da semiótica narrativa, iniciando a construção do paradigma greimasiano.

### 1.1 Em busca do método

Revisitaremos alguns estudos que tratam da Historiografia Linguística, de modo a identificar seus elementos básicos e suas características metodológicas. Os tópicos aqui apresentados não esgotam todas as questões epistemológicas e metodológicas da Historiografia Linguística, entretanto, acreditamos que a nossa abordagem, mesmo que sumária, esclareça alguns princípios possíveis de serem aplicados na nossa pesquisa e em trabalhos similares. No final do capítulo, indicaremos os elementos e parâmetros selecionados para o desenvolvimento desta pesquisa de acordo com a metodologia proposta pela historiografia linguística e nossos objetivos.

#### 1.1.1 Fundamentos básicos da Historiografia Linguística

A atividade historiográfica que ambiciona compreender os movimentos em história da ciência presume, inevitavelmente, uma atividade de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes (história *rerum gestarum*) para o quadro de reflexão que constrói o historiógrafo. Não se trata, pois, de incluir quaisquer fatos passados, só por serem passados. (ALTMAN, 2004, p. 28)

A Historiografia Linguística nasceu em decorrência do desenvolvimento da Linguística Histórica e integra o universo das áreas de conhecimento que concebem a língua em sua relação com a história e a realidade social (NASCIMENTO, 2005). Podemos citar dois teóricos expressivos da disciplina, na medida em que desenvolveram estudos e métodos

para a disciplina. São eles P. Swiggers<sup>7</sup> e K. Koerner. Swiggers (2010, p. 2) afirma que a Historiografia Linguística (daqui em diante HL) se situa na intersecção da linguística, da história, da filosofia e da sociologia da ciência e dessa forma pode ser definida como o “estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico”. A HL caracteriza-se por desenvolver questões que abordam tanto a dimensão interna, como a dimensão externa do desenvolvimento linguístico. Os principais objetivos são descrever e explicar como se produziu e se desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo, com o intuito de identificar diferentes fases de desenvolvimento da língua. No caso das historiografias que focalizam a dimensão externa, o objetivo inclui identificar os fatores externos que influenciam ou podem causar algum impacto no pensamento linguístico das ciências da linguagem estudadas (ALTMAN, 2012; NASCIMENTO, 2005).

Cabe aqui uma distinção básica, levantada por Altman (2012): historiografias não são “crônicas”. As crônicas são assim chamadas desde a década de 1920 por Benedetto Croce e consistem em listas de nomes, datas, títulos e eventos ligados às línguas e à linguagem. A historiografia se distingue da crônica por presumir uma atividade de seleção, reconstrução, ordenação e interpretação dos fatos e não apenas os seus registros. Dessa forma, as crônicas podem ser consideradas como fontes de pesquisa para as historiografias.

O primeiro texto que apresentou uma reflexão metodológica de tipo historiográfico foi *Discours préliminaire* [1796], de François Thurot (1768-1832), considerado um divisor de águas no campo dos estudos linguísticos. Desde então, a reflexão retrospectiva sobre questões de linguagem tornou-se uma prática cada vez mais constante em certos círculos acadêmicos ligados à filologia e também à disciplina linguística (ALTMAN, 2012). A HL desenvolveu-se como disciplina institucionalizada e como campo autônomo de investigação na década de 1970 (SWIGGERS, 2009). A maneira como a metodologia historiográfica se inseriu, a princípio, no Brasil foi de forma secundária em relação a outros interesses, tomando frequentemente a forma ou de uma “introdução panorâmica” aos manuais de linguística geral ou de um “capítulo inicial” às teses acadêmicas:

[...] De maneira geral, essas “introduções históricas” visam mostrar os avanços da disciplina, ou de parte da disciplina, em relação a estágios anteriores. Ou seja, muitos dos pesquisadores do século XIX, e mesmo do

---

<sup>7</sup> Não vamos utilizar neste trabalho as reflexões, igualmente relevantes, de S. Aurox e seus colaboradores sobre a história das ideias linguísticas.

XX, que se dedicaram a historiar a linguística, estavam em alguma medida interessados ou na promoção de uma determinada teoria ou na manutenção do que entendiam ser a unidade essencial da disciplina como um todo. Vista dessa maneira, a historiografia linguística parece cumprir ora a função de moldura para uma questão que se coloca no presente, ora uma função terapêutica, destinada a remediar a fragmentação das ciências da linguagem que se considera excessiva. (ALTMAN, 2012, p. 15)

Uma questão recorrente nos estudos sobre a metodologia historiográfica é a da oposição entre dimensão interna e dimensão externa. As historiografias linguísticas mais recentes são divididas entre duas orientações aparentemente opostas: as que focalizam quase somente o conteúdo do conhecimento linguístico (dimensão interna) e outras que privilegiam o contexto em que este conhecimento se produziu (dimensão externa). Sobre isso, Altman (ALTMAN, 2012, p. 23) afirma que “conteúdo e contexto estão inevitavelmente ligados, embora nossa maneira de percebê-los possa, às vezes, sugerir o contrário”. Concordamos com Altman, na medida em que mesmo que uma ou outra dimensão receba uma atenção prioritária, o conteúdo revela elementos do contexto e este molda o conteúdo. Nascimento (NASCIMENTO, 2005, p.16) faz uma reflexão produtiva acerca da questão e vai além:

[...] Torna-se necessário quebrar a dicotomia sincronia/diacronia e considerar essa oposição apenas um ponto de vista metodológico no processo de análise documental. [...] Isto quer dizer que, a cada momento, a língua manifesta uma atualidade no mesmo instante em que se revela como um produto da história. De outro lado, a oposição continuidade vs descontinuidade não se constitui como dois estados divergentes, mas convergentes e direcionam o exame e a interpretação das marcas linguísticas no contexto de sua história. Trata-se de uma atividade que faz do historiador um linguista e do linguista um historiador, ambos voltados para a compreensão do passado da língua e do homem. Esta bifurcação dialógica deixa transparecer o modo como a HL opera a produtividade linguístico-histórica na interpretação do documento.

Com essa reflexão de Nascimento, e com as observações anteriores, podemos afirmar que existem principalmente convergências entre as duas dimensões e tipos de abordagem que ora são privilegiadas. No quadro metodológico da HL são reconhecidos três princípios desenvolvidos por K. Koerner (1996) e retomados por Nascimento (2005, p. 21), são eles:

**1. Princípio de contextualização** - Abrangem as características do contexto histórico-cultural, as concepções linguísticas, socioeconômicas e políticas em circulação à época de sua produção;

2. **Princípio de imanência** - levantamento de informações e estabelecimento de um entendimento amplo do documento, tanto no que concerne às teorias linguísticas, quanto às abordagens em História, ambas em circulação no momento de produção, tendo em vista que o documento materializa as concepções histórico-intelectuais da época.

3. **Princípio de adequação teórica** - interpretação das teorias e terminologias da época e comparação e aproximação com as atuais para uma possível atualização terminológica, a fim de facilitar a compreensão do leitor.

A ideia é que ao seguir esses três princípios seja possível depreender as influências presentes no documento a partir de elementos do contexto e da relação desses com elementos de outra época, revelando assim, informações implícitas daquele momento sociocultural. Nascimento (2005, p. 23) afirma que “o importante na concepção de influências é o questionamento que se pode fazer sobre quais são as primeiras e como elas se integram ao documento para construir sentidos e de que forma o autor se aproveita delas na organização do conteúdo de seu texto”.

Até o momento, apesar de P. Swiggers e K. Koerner terem avançado em relação às questões metodológicas e epistemológicas da HL, percebemos que a disciplina ainda está em construção. Não há uma unanimidade em relação à aplicação dos conceitos e talvez essa dificuldade se deva ao caráter interdisciplinar da HL. Entretanto, não se pode negar a efetividade dos conceitos e métodos já consolidados.

### 1.1.2 Elementos e parâmetros selecionados para o desenvolvimento desta pesquisa

Não tenhamos ilusões: nos dias de hoje, uma verdadeira história da semiótica é impossível de ser feita. [...] Acreditamos, contudo, que o dossiê que constituímos, seguindo a ordem histórica, contribui com perspectivas, com um esclarecimento novo e necessário ao que já podem saber da teoria semiótica aqueles que tendem, sobretudo, a pô-la em prática. (HÉNAULT, 2006, p. 12)

Considerando a proposta deste trabalho de compreender a semiótica narrativa como uma disciplina e que temos como principais objetivos descrever e explicar como ela se produziu e se desenvolveu como conhecimento em um determinado contexto social e cultural,

ao longo do tempo, acreditamos que a metodologia da historiografia linguística apresentada é adequada ao nosso empreendimento.

De acordo com as características metodológicas descritas, os elementos e parâmetros selecionados para o desenvolvimento dessa pesquisa foram:

- (1) o foco na **dimensão interna**, na medida em que priorizamos o estudo da epistemologia da disciplina e de seus comentadores;
- (2) a **retórica** da teoria, no sentido em que Altman (2004, p. 55) define:

São as estratégias de enunciação utilizadas pelo pesquisador para situar seu trabalho em relação ao trabalho dos seus predecessores e/ou contemporâneos (se ignoram, em graus variáveis, o trabalho dos predecessores ou se reconhecem, ao contrário, seu débito para com determinada tradição de pesquisa).

(3) a **metalinguagem** e a **terminologia** foram “guias” do percurso, pois, com a intenção de perceber as continuidades e descontinuidades do paradigma científico estudado, é justamente a partir dos desenvolvimentos conceituais que identificamos os momentos de ruptura e também as influências.

Logo, nosso estudo teve um caráter bibliográfico, que priorizou certos discursos em detrimento de outros. A triagem se deu por meio do recorte cronológico do cópuz, do inventário de conceitos apreendidos da metalinguagem e da terminologia da obra greimasiana e de seus antecessores e da recorrência dos assuntos tratados nas obras dos comentadores da teoria. Dessa forma, buscamos traçar uma historiografia a partir desses registros, na tentativa de sistematizar o conhecimento sobre o percurso da semiótica narrativa e compreender sua evolução como paradigma científico.

## 1.2 As origens da Semiótica narrativa

Lorsque à son tour A. J. Greimas propose son premier modèle d’analyse du récit (*Sémantique structurale*, p. 172 à 222), sa propre recherche se situe au confluent des réflexions de V. Propp sur le conte populaire merveilleux et des analyses de Cl. Lévi-Strauss sur le récit mythique. On pourrait faire apparaître que le mode d’interprétation du récit alors proposé est très clairement un alliage de la théorie des fonctions proppiennes et de la formule lévi-straussienne de mise en parallèle de deux catégories sémantiques. Mais on verra aussi que cette “contamination” est un effet de sens superficiel et qu’il y a beaucoup plus dans la solution greimassienne que la somme des deux théories antécédentes. (HÉNAULT, 1983, p. 22)

Fundamentados nessa afirmação de A. Hénault sobre as influências de V. Propp e de C. Lévi-Strauss na obra original da semiótica narrativa, investigamos neste tópico as origens da semiótica narrativa greimasiana, por meio dos estudos da recepção de V. Propp e da revisão do método de análise estrutural do mito desenvolvido por C. Lévi-Strauss. Em seguida apresentamos os primeiros conceitos fundamentais da semiótica narrativa, depreendidos da *Sémantique structurale* de A. J. Greimas.

### 1.2.1 A recepção de V. Propp

Nesta seção, vamos retomar a obra de V. Propp, em especial a *Morfologia do conto maravilhoso*, e analisar suas influências para a semiótica narrativa greimasiana. Para tanto, contaremos com a leitura que Bremond (1973), Lévi-Strauss (1960), Meletínski (2010) e Hénault (2006) fizeram dessa obra. E em seguida vamos comentar a relação entre V. Propp e A. J. Greimas.

O que chama a atenção de início, na obra de Propp, é o vigor das antecipações sobre os desenvolvimentos ulteriores. Aqueles que, dentre nós, abordaram a análise estrutural da literatura oral por volta de 1950, sem conhecimento direto da tentativa de Propp um quarto de século antes, encontrarão, com surpresa, em seus escritos, fórmulas, às vezes até frases inteiras da obra proppiana, que, entretanto, sabem não haver copiado. (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 213)

Propp (1895-1970) foi o precursor do estudo estrutural da narrativa. Ele identificou no material que estudou elementos invariantes e variantes e dessa maneira desenvolveu um método de análise que priorizava os elementos invariantes e a forma sintagmática das narrativas que analisava. A *Morfologia do Conto Maravilhoso*, editada em 1928, adiantava-se muito aos trabalhos do seu tempo, mas só se percebeu o real alcance da descoberta científica de Propp quando foram introduzidos na linguística e na etnologia os métodos da análise estrutural (MELETÍNSKI, 2010). A partir de então, Propp influenciou autores no âmbito dos estudos dos mitos, dos contos populares orais ou escritos e de narrativas literárias. Entre os autores que foram diretamente influenciados pela obra de Propp estão: C. Lévi-Strauss, A. J. Greimas, P. Maranda, C. Bremond, R. Barthes, T. Todorov, G. Genette e outros (LOPES,



1997). Apesar de ser conhecido como um dos principais formalistas russos, existem indícios de que V. Propp não frequentou os grupos da época:

[...] Ora (poderia haver algo mais paradoxal?), V. Propp não foi um formalista de primeira hora: ele não teve, ao que tudo indica, nenhuma participação na fundação do Círculo Linguístico de Moscou em 1915, nem na da OPOIAZ (Sociedade de Estudos da Linguagem Poética) de São Petersburgo em 1916, os dois grandes centros de atividade do formalismo russo. [...] Propp também não aparece no grupo fundador do departamento de história literária do Instituto de Arte e História da Arte de Petrogrado (1920) [...]. E, por fim, seu nome não está envolvido nos primeiros conflitos ideológicos-críticos suscitados, a partir de 1922, pela vigilância preventiva dos marxistas-leninistas ortodoxos [...]. (HÉNAULT, 2006, p. 99 – 100)

Ainda segundo Hénault (2006, p. 101), em sua resposta a C. Lévi-Strauss, Propp diz não ser nem mesmo um formalista. Ele se considera muito mais um estruturalista *avant la lettre* e aplica o rótulo de formalista pejorativamente a “pesquisadores esclerosados e incompetentes”. Para Lévi-Strauss, entretanto, as falhas encontradas no trabalho de V. Propp são devidas justamente ao método formalista, em comparação com o método estruturalista:

Essa limitação, que cremos inerente ao formalismo, ressalta, de maneira particularmente evidente, do capítulo principal da obra de Propp, dedicado às funções dos protagonistas. O autor as analisa em gêneros e em espécies. Ora, é claro que, se os primeiros são definidos por critérios exclusivamente morfológicos, as segundas o são apenas em mínima parte; involuntariamente talvez, Propp serve-se delas para reintroduzir aspectos que dizem respeito ao conteúdo. [...] Todo o conteúdo dos contos se encontra assim progressivamente reintegrado, e a análise oscila entre um enunciado formal, tão generalizado que se aplica indistintamente a todos os contos (é o nível genérico), e uma simples restituição da matéria bruta, cujas propriedades formais são as únicas que possuem um valor explicativo, como foi dito inicialmente. (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 218)

Propp (2010a) considerou que Lévi-Strauss criticou sua obra porque não a compreendeu e principalmente, porque não conhecia a obra complementar *Raízes históricas...*[1946]. O folclorista russo respondeu à objeção de Lévi-Strauss de maneira não amistosa:

[...] É verdade que a minha abstração, como o professor Lévi-Strauss denomina o esquema por mim deduzido, não revela as causas de sua variedade, e é somente a pesquisa histórica que pode fazê-lo; mas não é verdade que ela seja vaga e represente uma ilusão. As palavras do professor Lévi-Strauss demonstram que ele, ao que parece, simplesmente não compreendeu o caráter absolutamente empírico, concreto, detalhado, da minha pesquisa. Como pôde isso acontecer? O professor Lévi-Strauss

lamenta que minha obra seja, em geral, de difícil compreensão; mas pode-se observar que aqueles que possuem muitas ideias próprias, compreendem com dificuldade os pensamentos alheios, e não percebem o que está claro para quem se encontra isento de prevenção. A minha pesquisa não entra nas concepções gerais do professor Lévi-Strauss, e aqui está uma das causas do mal-entendido. (PROPP, 2010a, p. 243)

Na *Morfologia*, Propp observou a existência de alguns princípios, que converteu em teses ou premissas: (a) As funções são em número limitado; (b) A ordem em que as funções ocorrem é invariante; (c) todos os contos de magia são monotípicos quanto à construção; (d) a ocorrência do que chamamos hoje de “sincretismo actancial”, no qual um mesmo ator pode acumular diversos papéis ou um papel é desempenhado por diversos atores.

O pioneirismo de Propp consiste em apresentar duas definições para o conto popular de magia: uma funcional que divide o conto em 31 funções e uma “actancial” (em termos greimasianos) que divide as 31 funções entre sete esferas de ação que correspondem cada uma a determinada classe de personagens. Além disso, o que realmente permitiu a Propp passar do atomismo ao estruturalismo foi sua recusa de fazer um estudo dos motivos, em favor das funções. (MELETÍNSKI, 2010, p. 161)

Ao separar as funções dos motivos, Propp concebeu uma reflexão narrativa pioneira que corresponde na semiótica narrativa à divisão entre o nível narrativo e o nível discursivo. Meletínski (2010, p. 158) afirma que ao demonstrar a divisibilidade, tanto dos motivos, quanto dos enredos, pois, na concepção proppiana nenhum dos dois explica a uniformidade específica do conto maravilhoso, o folclorista polemizava com seus predecessores. Para Propp, o agrupamento de motivos dentro dos enredos dependia de uma estrutura de composição constante, específica do conto maravilhoso, composta pelas funções.

Uma das preocupações de Propp (2010) ao longo da *Morfologia do Conto Maravilhoso* foi a de deixar claro que seu trabalho não se restringia ao estudo da “construção” do conto, mas que esta é uma etapa necessária para tornar possível o estudo das transformações e origens dos contos de magia russos. A segunda etapa do trabalho foi desenvolvida na obra *As raízes históricas do conto de magia* [1946]. Nessa obra, Propp afirma que existiram duas fases na evolução do conto de magia: a primeira corresponde a uma fase “pré-conto”, em que conto e relato sagrado se confundiam e somente sacerdotes e os mais velhos narravam as histórias; a segunda consiste na fase em que o conto perde seu significado religioso e é narrado por pessoas comuns.

C. Bremond (1973) em sua leitura do texto de Propp, aprofundou-se em duas das quatro teses citadas acima: (b) a ordem em que as funções ocorrem é invariante e (c) todos os

contos de magia são monotípicos quanto à construção. E a partir da análise dessas duas teses Bremond desenvolveu sua “lógica da narrativa”, que deveria dar conta de qualquer mensagem narrativa. Fundamentalmente, Bremond contesta o caráter mecânico e coercitivo do encadeamento das funções e o apagamento da personagem, que ele considera essencial à compreensão da lógica da narrativa (BERTRAND, 2003, p. 273). A lógica de Bremond introduz alternativas e escolhas e dá um passo a caminho dos modelos mais abstratos, afastando-se da análise estereotipada dos mitos e contos.

Mais profundamente, seu método se baseia na crítica da necessidade teleológica, que fundamenta o sentido da narrativa no fim para o qual ela tende. Uma lógica narrativa formal não deveria se submeter a um sentido que é apenas uma escolha cultural no interior de um dispositivo que, na realidade, multiplica as alternativas do princípio ao fim de seu desenvolvimento. [...] Bremond escreve, assim, que “a implicação de luta por vitória é uma exigência lógica; a implicação de vitória por luta é um estereótipo cultural”. (BERTRAND, 2003, p. 274)

No modelo de Bremond a unidade narrativa é a “sequência elementar”, que é mais curta que a série de Propp, mas mais longa que a função. A sequência elementar se desenvolve em três fases: uma situação abrindo para uma possibilidade, a atualização dessa possibilidade e por fim o resultado da ação, sendo que cada um dos três momentos se abre para duas alternativas (RICŒUR, 1995, p. 69). As sequências podem se complexificar por meio de diversas configurações sintáticas: encadeamento, encaixe e paralelismo. Bremond (1973, p. 45) concluiu que uma reinterpretação dos resultados da análise de Propp em termos de um sistema mais geral, suscetível de se aplicar a qualquer mensagem narrativa, é possível sem que resulte em algum tipo de perda de informação.

#### 1.2.1.1 A relação entre A. J. Greimas e V. Propp

O valor do modelo proppiano, vê-se bem, não reside na profundidade das análises que o suportam, nem na precisão das suas formulações, mas na sua virtude de provocação, no seu poder de suscitar hipóteses: **é a ultrapassagem da especificidade do conto maravilhoso em todos os sentidos que caracteriza a preocupação da semiótica narrativa desde os seus primórdios.** O alargamento e a consolidação do conceito de esquema narrativo canônico aparece assim como uma das tarefas presentes. (GREIMAS, 1979, p. 14, grifo nosso)

A. J. Greimas teve uma longa relação com a teoria proppiana. Ao menos até os limites cronológicos que alcançamos neste trabalho, já que a obra mais recente que estudamos foi *Du Sens II*, que foi lançada em 1983 e consiste basicamente em artigos publicados a partir de 1973. Não sabemos, se nas obras greimasianas publicadas após 1983, Propp ou a sua teoria foram citados, mas sabemos que na introdução de *Du Sens II* (GREIMAS, 1983, p. 8-9) Greimas ainda comenta a obra de Propp.

Em *Sémantique structurale*, Greimas, como veremos no próximo tópico deste trabalho, desenvolveu a partir da teoria proppiana dois dos pilares da semiótica narrativa, que são o sistema actancial e o esquema narrativo.

Em *Sobre o sentido* ([1970] 1975) Greimas recorreu a V. Propp em pelo menos dois artigos: “Elementos para uma gramática narrativa” [1969] e “A busca do medo” [1970].

Em “A busca do medo” ([1970] 1975 p. 218) Greimas analisou uma série de contos populares lituanos, utilizando como metodologia as bases proppianas:

Uma das formas de explorar um domínio desconhecido é, evidentemente, partir do conhecido. Ora, o que conhecemos de melhor no campo do conto popular ainda é o que vem de Propp, que analisou o grupo de contos russos tradicionalmente reunidos sob a denominação de contos maravilhosos. E é este caráter de “maravilhoso” que o pequeno grupo de contos sobre o qual se baseia nossa reflexão possui em comum com os contos explorados por Propp: poder-se-ia pensar que nosso conto é apenas um subgrupo do gênero “maravilhoso”. Infelizmente o caráter maravilhoso em si dos contos não pôde ser descrito, de fato, por Propp, por não conhecer suficientemente seu código (universo semântico a que pertencem), acrescentando-se que uma das originalidades da análise de Propp consiste precisamente na definição formal do conto (considerado como um gênero particular, como um dos tipos possíveis da estrutura narrativa), independentemente do seu conteúdo.

Entretanto, é em “As aquisições e os projetos” [1976] (prefácio da obra de J. Courtés *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*, (1979)), que Greimas dedicou-se mais detidamente à obra proppiana, ao mesmo tempo em que demonstrou de que maneira ele próprio desenvolveu os principais fundamentos da semiótica narrativa a partir dos conceitos proppianos. Greimas iniciou o artigo afirmando:

Quando consideramos o inventário das denominações das “funções” proppianas, temos a impressão de que elas servem no seu espírito muito mais para resumir, subsumindo as variantes e generalizando a sua significação, as diferentes sequências do conto, do que para designar os diferentes tipos de atividade, cuja sucessão mostra o conto como um programa organizado. A linguagem descritiva utilizada por Propp apresenta-se, portanto, como uma linguagem documental: sem colocar-lhe outras exigências, podemos aplicar-

lhe alguns princípios simples que regem a construção de tais linguagens, buscando, em primeiro lugar, dar a esta sucessão de “funções” uma formulação canônica uniforme. (GREIMAS, 1979, p. 9)

Apesar das críticas, Greimas reconheceu as contribuições de Propp para a semiótica narrativa. Por exemplo, a contribuição proppiana para o esquema narrativo canônico e o caráter polêmico da narrativa:

A reflexão que nos permitiu apreender o conceito de esquema narrativo assenta, em grande parte, no exame do conto maravilhoso proppiano. Observando atentamente, percebe-se que este conto, em vez de constituir um todo homogêneo, é na realidade uma narrativa complexa ou pelo menos dupla, porque se ele se apresenta como a relação das provas realizadas pelo sujeito (herói) contém ao mesmo tempo - de uma maneira semioculta, é verdade - uma outra história, a do antissujeito (traidor), duas narrativas que, mesmo cruzando-se e interpenetrando-se, só se distinguem uma da outra, do ponto de vista da sua organização formal, pela sua coloração moral diferente, positiva ou negativa. (GREIMAS, 1979, p. 15)

Outra questão que Greimas desenvolveu, a partir da teoria de Propp, foi sobre a “leitura às avessas” que consiste em considerar a narrativa por uma ordem lógica de pressuposição: “o reconhecimento do herói pressupõe a ação heroica; esta, por sua vez, pressupõe uma qualificação suficiente do herói” (GREIMAS, 1979, p. 15).

Em 1979, Greimas lançou, em conjunto com J. Courtés, o *Dicionário de Semiótica* com o objetivo de centralizar e promover o conhecimento que até então havia sido desenvolvido. Porém, Greimas incluiu diversos conceitos proppianos, o que de certa forma gera uma dúvida, já que em seus artigos ele demonstrava a vontade de cada vez mais se distanciar da teoria proppiana, mas decidiu incluir os conceitos proppianos justamente na obra mais característica da semiótica greimasiana. Apresentamos, abaixo, alguns termos e conceitos proppianos que inventariamos a partir do *Dicionário de Semiótica* (2008):

#### **(1) Agressor**

Na terminologia de V. Propp, agressor é um dos sete personagens do conto maravilhoso, aquele cuja "esfera de ação" compreende “o delito, o combate e as outras formas de luta contra o herói”. Desse ponto de vista, pode-se ver nele o antidoador: contrariamente ao doador, que assume o papel de adjuvante e fornece ao herói a competência de que ele necessita para a sua *performance*, o agressor - homologável ao oponente - tem a função essencial de instituir a carência, engrenando, por meio dela, o que Propp chama de "movimento" da narrativa: o fato de uma transformação negativa requerer, para equilíbrio, uma transformação positiva. (p. 25)

#### **(2) Busca**

Termo figurativo, que designa ao mesmo tempo a tensão entre o sujeito e o objeto-valor visado, e o deslocamento daquele para este, a busca é uma representação espacial, sob forma de "movimento" e num modo durativo, da atualização (que corresponde a uma relação de disjunção entre sujeito e objeto), e, mais particularmente, da modalidade do querer; o aspecto terminativo da busca corresponderá à realização (ou conjunção entre sujeito e objeto). (p. 51)

### (3) Doador

Na terminologia de V. Propp, doador é uma das sete personagens do conto maravilhoso, cuja “esfera de ação” compreende “a preparação da transmissão do objeto mágico, ou a colocação do objeto mágico à disposição do herói”. Em semiótica narrativa, esse papel — com o de "auxiliar" de Propp — é subsumido pelo termo adjuvante. Antidoador, a que certos semiotistas recorreram, pode, de modo semelhante, ser aproximado de oponente. (p.152)

### (4) Falta

1. Entre as funções proppianas, a falta - associada ao "dano" (que ocasiona uma falta, mas provém do exterior) causado pelo agressor - ocupa uma posição essencial no desenvolvimento narrativo, porque, nas palavras do próprio V. Propp, é ela que dá ao conto seu "movimento": a partida do herói, a busca por ele efetuada e sua vitória permitirão, com efeito, que a falta seja suprida, que o dano seja reparado.

2. No esquema narrativo canônico, derivado de Propp, a falta é a expressão figurativa\* da disjunção inicial entre o sujeito e o objeto da busca: a transformação que opera sua conjunção (ou a realização) desempenha um papel de pivô narrativo (que permite passar de um estado de carência à sua liquidação) e corresponde à prova decisiva (ou *performance*). Assim, vê-se que a falta não é propriamente uma função, mas um estado que resulta, em verdade, de uma operação prévia de negação (situada ao nível profundo). (p. 205)

### (5) Herói

1. O termo herói pode servir para denominar o actante sujeito quando este, dotado de valores modais correspondentes, se encontra em uma certa posição de seu percurso narrativo. O sujeito só se torna herói quando de posse de uma certa competência (poder e/ou saber-fazer). Na dimensão pragmática da narrativa, distinguir-se-á assim o herói atualizado (antes de sua *performance*) do herói realizado (de posse do objeto da busca); na dimensão cognitiva opõe-se o herói oculto ao herói revelado (após a sanção cognitiva do Destinador ou reconhecimento). Quer dizer que herói é a denominação de um estatuto actancial determinado.

2. No sentido restrito, denomina-se herói, particularmente nos estudos de literatura oral ou clássica, o actante sujeito tal qual acaba de ser definido, mas dotado, ainda, de conotações eufóricas moralizantes, que o opõem ao traidor (conotado disforicamente). (p. 242)

### (6) Marca

[...] 3. Na trilha de V. Propp, entender-se-á por marca - na análise narrativa dos discursos - um signo material - como objeto, ferimento, etc. - que atesta aos olhos do Destinador que a prova decisiva, cumprida em segredo, foi mesmo realizada pelo herói: desse ponto de vista, o reconhecimento

pressupõe, no esquema narrativo, a atribuição de uma marca que permite passar do secreto à revelação do verdadeiro. Enquanto signo de reconhecimento, a marca inscreve-se, por isso, na dimensão cognitiva, e coloca em jogo as modalidades veridictórias: com efeito, a marca é "aquilo que parece" na posição veridictória de secreto (ser + não parecer) e constitui condição necessária para a transformação do secreto em verdade. (p. 303)

#### (7) Prova Glorificante

Figura discursiva ligada com o esquema narrativo, a prova glorificante situa-se — ao contrário das provas qualificante e decisiva que ela pressupõe — na dimensão cognitiva. Aparece na narrativa quando a prova decisiva já se efetuou ao modo do segredo. Enquanto *performance* cognitiva (e fazer persuasivo) do sujeito, ela pede - no plano da competência correspondente - um poder-fazer-saber figurativizado pela marca. Enquanto sanção cognitiva do Destinador, no quadro do componente contratual do esquema narrativo, equivale ao reconhecimento. (p. 238)

#### (8) Prova Decisiva

Figura discursiva ligada ao esquema narrativo canônico, a prova decisiva - situada na dimensão pragmática - corresponde à *performance*: logicamente pressuposta pela prova glorificante, ela própria pressupõe a prova qualificante. Do ponto de vista da sintaxe narrativa de superfície, a prova decisiva representa o programa narrativo de base que leva à conjunção do sujeito com o objeto-valor visado (ou objeto da busca). (p. 116)

#### (9) Prova Qualificante

Figura discursiva, ligada ao esquema narrativo, a prova qualificante — situada na dimensão pragmática - corresponde à aquisição da competência (ou, mais precisamente, das modalidades atualizantes do *saber-fazer* e/ou do *poder-fazer*): ela é logicamente pressuposta pela prova decisiva. Do ponto de vista da sintaxe narrativa de superfície, a prova qualificante pode ser considerada como um programa narrativo de uso, em relação ao programa narrativo de base (correspondente à *performance*). (p. 405)

#### (10) Vilão

O exame do conto maravilhoso proppiano revelou que este não é um todo homogêneo, que ele é, na realidade, uma narrativa dupla, organizada segundo uma estrutura polémica: paralelamente às provas realizadas pelo herói, esboça-se uma outra história, a do antissujeito, a do vilão. Do ponto de vista propriamente sintático, a narrativa introduz, assim, dois percursos narrativos, opostos e complementares (como num sistema fechado de valores onde o que é dado a um o é às custas do outro, o que é arrebatado a um o é em benefício do outro) — o do herói e o do vilão - que só se distinguem, na realidade, pela sua conotação eufórica ou disfórica moralizante: assim, o vilão proppiano, sobredeterminado negativamente, é inteiramente comparável ao Pequeno Polegar, qualificado de herói e que joga com provas deceptivas. (p. 535)

Uma conclusão a que podemos chegar sobre a relação entre Greimas e V. Propp e que decorre da presença recorrente deste na obra de Greimas, como também após observarmos a

permanência dos conceitos proppianos mesmo que a teoria tenha evoluído, é que Greimas valorizava a presença proppiana e entre fazer a teoria evoluir por assimilações ou por rupturas, optou pela assimilação e por manter V. Propp em seu percurso.

### 1.2.2 C. Lévi-Strauss e o estudo estrutural do mito

Dentro do espírito dos escritos de C. Lévi-Strauss, já o verificamos, um tal modelo dá conta da apreensão acrônica da significação de todas as narrativas possíveis pertencentes ao domínio de um dado microuniverso semântico. Trata-se de um modelo formal: ele não faz senão articular os conteúdos investidos. E, mais, ele é independente de seu modo de manifestação: o discurso que o manifesta pode ser uma narrativa mítica mas, também, o discurso didático de Freud; ele pode, perfeitamente, estar presente, sob a forma difusa, nos intermináveis discursos antropológicos e psicanalíticos. (GREIMAS, 1975, p. 150)

Para Lopes (1997), C. Lévi-Strauss herdou de Saussure o hábito de pensar por “dicotomias dinâmicas”: [...] “a expressa citação do nome de Saussure, denuncia a importância de que aos seus olhos se reveste o autor do *Cours*” (LOPES 1997, p. 315). Essa importância é equivalente à que vai ter Jakobson, de quem ele herda os procedimentos práticos que tornarão operatórios os conceitos até então teóricos e doutrinários da linguística geral de Saussure. Além de todo o aparato tecnológico da fonologia estrutural, Jakobson é quem apresentou a *Morfologia do conto maravilhoso*, de Propp, que na época ainda era inédita nas línguas ocidentais.

O primeiro trabalho em que Lévi-Strauss aplicou a nova metalinguagem e a metodologia linguísticas adaptadas fazendo com que os procedimentos da análise estrutural adentrassem nos domínios da antropologia e da etnologia foi *As estruturas elementares do parentesco* (1949), em que Lévi-Strauss assume que o sistema de parentesco é em si uma linguagem. A partir daí, o que houve foi uma verdadeira ruptura epistemológica com as fases anteriores dessas disciplinas, com o predomínio agora, das análises estruturais. (LOPES, 1997, p. 315)

De acordo com Meletínski (2010, p. 165), somente nos anos 1950, com a influência da escola etnográfica e da linguística estrutural, que os estudos tipológico-estruturais no domínio do folclore apareceram no Ocidente. O autor afirma, inclusive, que o artigo "Estudo estrutural do mito", publicado em 1955 por Lévi-Strauss, teve o caráter de um manifesto científico.



Lévi-Strauss desenvolveu um método de análise estrutural do mito, no qual o texto mítico é formado por unidades constitutivas, chamadas mitemas, que são unidades do plano de conteúdo e da ordem sintagmática, sendo possível a associação de vários mitemas em um mesmo paradigma de sentido. Para ler / analisar um mito é necessário reduzir os segmentos semanticamente assemelhados da cadeia sintagmática de mitemas superpostos, em um eixo vertical de classes de sentido recorrentes, homocategoriais. (LOPES, 1997, p. 318)

O modelo estrutural de Lévi-Strauss não é linear, na medida em que ele se interessa, basicamente, pela "lógica" mítica, e assim, partindo do mito liga as funções apenas verticalmente e tenta extrair uma paradigmática de confronto de variantes do mito (MELETÍNSKI, 2010, p. 169). Para Greimas (1975, p. 175) entre as reflexões apresentadas no primeiro estudo sobre a estrutura do mito até os *Mythologiques*, houve uma mudança de interesse: “dirigida inicialmente sobre a definição da estrutura do mito-narrativa, compreende agora a problemática da descrição do universo mitológico; centrada primeiro sobre as propriedades formais da estrutura acrônica, encara atualmente a possibilidade geral e histórica”. Greimas (1975, p. 176) ainda vê na obra de Lévi-Strauss pelo menos duas formas de análise: “(a) pode-se procurar elucidar a leitura de um mito-ocorrência comparando-o a outros mitos [...]; (b) pode-se colocar em correlação tal elemento narrativo com outros elementos comparáveis”.

Darrault-Harris (2013) afirmou que o encontro entre Greimas e Lévi-Strauss foi unilateral e que somente Greimas citou o antropólogo em seus trabalhos:

Não há, no nosso conhecimento, um documento que tenha registrado esse encontro. Lévi-Strauss em seus nobres escritos não citou Greimas nem fez referência ao seu trabalho. Desse modo, Greimas não aparece nem nas entrevistas de *De perto e de longe*. E Greimas, [...] fez raras referências a Lévi-Strauss após 1970 (*Du Sens*). (DARRAULT-HARRIS, 2013, p. 107, tradução nossa)

Darrault-Harris afirma ainda que Greimas recorre a Lévi-Strauss em três momentos, especificamente: em (1) “Atualidade do saussurismo” [1956], na qual Greimas observa que Lévi-Strauss reconhece a pertinência do postulado saussuriano e que promete aplicá-lo ao campo social em totalidade; (2) “A mitologia comparada” ([1963]1975) em que procura esclarecer as pesquisas de Georges Dumézil na mitologia comparada, utilizando exclusivamente o método de Lévi-Strauss; e (3) “Por uma teoria de interpretação da narrativa mítica” ([1966] 1975), o mais importante, pois confirma o encontro entre eles.

Em “Por uma teoria de interpretação da narrativa mítica” ([1966] 1975) Greimas retomou Lévi-Strauss:

Os progressos alcançados recentemente nas pesquisas mitológicas, graças sobretudo aos trabalhos de Claude Lévi-Strauss, vêm trazer materiais e elementos de reflexão à teoria semântica que coloca, como se sabe, o problema da legibilidade dos textos e procura estabelecer um inventário dos procedimentos de sua descrição. (GREIMAS, 1975, p. 171)

Nesse artigo, Greimas (1975, p. 172) analisou o mito de referência bororo, que serviu a Lévi-Strauss em *O cru e o cozido*, com o objetivo de partir do mito de referência considerado como uma unidade narrativa, tentando explicitar os procedimentos de descrição necessários para alcançar a legibilidade máxima deste mito. Greimas retomou a metodologia de Lévi-Strauss para a descrição do mito que deve levar em conta três elementos fundamentais: (a) o arcabouço; (b) o código; e (c) a mensagem. Uma das conclusões a que Greimas (1975, p. 177) chegou consistiu em ver que a definição dos elementos e dos sintagmas narrativos não é obtida a partir do conhecimento do contexto, mas da metodologia geral de estabelecimento das unidades linguísticas e que as unidades assim definidas o são com vantagem para o modelo narrativo.

Em nossa análise da obra greimasiana identificamos pelo menos mais três artigos nos quais Greimas remete a Lévi-Strauss: “Elementos para uma gramática narrativa” [1969], “A busca do medo” [1970], este escrito em sua homenagem e “As aquisições e os projetos” [1976].

Em “Elementos para uma gramática narrativa” ([1969] 1975), Greimas recorreu mais uma vez à metodologia de Lévi-Strauss:

Para ilustrar o que possa vir a ser um modelo taxinômico deste gênero, iremos nos referir à análise estrutural do mito de Édipo, efetuada em 1955 por Claude Lévi-Strauss, análise que conduziu à construção de um modelo simples, a partir do qual, segundo o autor, todos os mitos de Édipo - inclusive o freudiano - podem ser gerados. Este modelo, resultado de uma leitura paradigmática do discurso mítico, pode ser definido - nós já examinamos noutras ocasiões - como o correlacionamento de termos contraditórios acoplados. (GREIMAS, 1975, p. 149 - 150)

Em *Maupassant* [1976] a menção a Lévi-Strauss é sobre o fato de ele ter sido um dos divulgadores de Propp:

La reprise du travail de Propp, et surtout son insertion dans le champ de recherches ouvert par les analyses mythologiques de Dumézil et de Lévi-Strauss, ont rendu possibles ces études. La simplicité apparente des structures narratives que Propp a reconnues dans les contes populaires, le choix heureux de son terrain de manoeuvre, expliquent ce retour triomphal: le conte merveilleux de l'enfance, prête volontiers son évidence à la limpidité de la démonstration. Depuis, nous avons travaillé, non sans quelques réarrangements et généralisations, et nous continuons à travailler sur cet acquis proppien. (GREIMAS, 1976, p. 7-8)

Greimas ainda recorreu a Lévi-Strauss em “As aquisições e os projetos” ([1976] 1979). Ele apontou que o fato de alguns semioticistas não levarem em conta os resultados dos estudos de Lévi-Strauss e de Dumézil, nos quais evidenciaram a existência das estruturas profundas, organizadoras dos discursos, mas subjacentes às manifestações da narratividade de superfície de tipo proppiano, é uma das causas do empobrecimento das análises narrativas na época. O argumento é de que a leitura de um texto literário, reduzido assim à sua dimensão narrativa de superfície, só podia consequentemente aparecer empobrecedora em extremo, tanto mais que os modelos da análise narrativa tomados de Propp e ligeiramente ordenados se tornam cada vez menos adequados para dar conta dos objetos de uma complexidade estrutural cada vez maior (GREIMAS, 1979, p. 8).

Além dos artigos em que Greimas citou ou trabalhou diretamente com a teoria de Lévi-Strauss, é importante lembrar também, que pelo menos dois conceitos dessa teoria foram adicionados ao *Dicionário de semiótica: Arcabouço e Deceptor* (GREIMAS, 2008, p. 36 e p.115).

Apesar da afirmação logo acima de que Lévi-Strauss não mencionou Greimas em nenhum momento em seus trabalhos, Greimas, no fim de “Por uma teoria de interpretação da narrativa mítica” (GREIMAS, 1975, p. 216), indicou, por meio de um *Post scriptum*, que houve uma resposta, a qual reproduzimos a seguir:

Não podemos deixar em silêncio, por razões deontológicas, o fato de que Claude Lévi-Strauss, à leitura deste texto, exprimiu reservas concernentes a nossa interpretação dos fatos míticos bororo e, mais particularmente, daqueles relativos às sequências inicial e final da narrativa. Uma vez que nossa competência nesse domínio, mais do que limitada, não pode medir-se pela dele, o leitor fica assim prevenido contra uma adesão completa a nossa interpretação de um mito-ocorrência. Mantemos entretanto o princípio utilizado como hipótese interpretativa: existe uma correlação entre os conteúdos tópicos da narrativa e os conteúdos manifestados nas sequências periféricas.

Deixamos a questão da referência de Lévi-Strauss a Greimas em aberto, na medida em que não encontramos, assim como Darrault-Harris, até o momento, uma possível resposta ou menção de Lévi-Strauss ao trabalho de Greimas. A seguir, apresentamos a *Sémantique structurale*, obra fundadora da semiótica greimasiana e os principais fundamentos da semiótica narrativa, com ênfase nos elementos que dialogam com V. Propp e Lévi-Strauss.

### 1.2.3 A. J. Greimas e a *Sémantique structurale*

[...] A noção de “teoria” assume para Greimas um valor eminentemente descritivo, caracteriza-se por sua aptidão a realizar análises concretas, em rigorosa coerência com a base epistemológica. Portanto, no contexto greimasiano, a teoria não se opõe à prática, a teoria propriamente dita é uma metodologia axiomatizada que tem de ser validada pela prática, ao passo que o nível epistemológico da teoria é o que funda intelectualmente o método. (HÉNAULT, 2006, p. 130-131)

A semioticista A. Hénault (2006, p. 132 - 134) afirmou que o marco inicial para que a semiótica de Greimas se consolidasse como um paradigma científico foi a solução metodológica e epistemológica que ele apresentou, na obra *Sémantique structurale* [1966], a questões que estavam em aberto:

Greimas conseguiu encontrar a solução que permitia resolver o dilema [...] entre as duas abordagens, paradigmática ou sintática. Ele lançava mão da representação paradigmática da ação inaugurada por Lévi-Strauss, mas demonstrando que na realidade, as próprias relações sintagmáticas deviam ser paradigmáticas. [...] É justamente nesse ponto que se poderia situar a primeira síntese original de Greimas, a síntese que singulariza essa obra e lhe confere uma posição de destaque no conjunto de sua obra. (HÉNAULT, 2006, p. 132 - 134)

Além disso, Greimas definiu na *Sémantique* diversos conceitos de base da teoria, inclusive a primeira versão do que viria a se tornar um dos pilares da semiótica narrativa: o **sistema actancial**. Segundo Greimas (GREIMAS, 1966, p. 130) a pesquisa sintática francesa propôs apenas uma solução empírica sob forma de um inventário de três actantes:

*agent vs patient vs bénéficiaire*

A partir desse inventário, que ele considerou falho na medida em que não há preocupação com a articulação categórica, e do conceito de actante de Lucien Tesnière<sup>8</sup>, Greimas lançou sua primeira proposta, que já incluiu a sugestão de sincretismos de actantes (GREIMAS, 1966, p. 130):

*sujet vs objet*

*destinateur vs destinataire*

A princípio, Greimas afirma que a teoria proppiana aparece em sua obra com a função de exemplificar a sua hipótese de que um número restrito de termos actanciais basta para dar conta de um microuniverso. Além de Propp, ele também recorreu a Étienne Souriau:<sup>9</sup>

Les définitions de Propp et de Souriau confirment notre interprétation sur un point important: un nombre restreint de termes actantiels suffit à rendre compte de l'organisation d'un micro-univers. Leur insuffisance réside dans le caractère à la fois trop et insuffisamment formel qu'on a voulu donner à ces définitions: définir un genre par le seul nombre des actants, en faisant abstraction de tout contenu, c'est placer la définition à un niveau formel trop élevé; présenter les actants sous la forme d'un simple inventaire, sans s'interroger sur les relations possibles entre eux, c'est renoncer trop tôt à l'analyse, en laissant la deuxième partie de la définition, ses traits spécifiques, à un niveau de formalisation insuffisant. Une catégorisation de l'inventaire des actants paraît donc nécessaire: nous allons la tenter, en comparant, dans une première approximation, les trois inventaires dont nous disposons: ceux de Propp et de Souriau, et celui, plus restreint, puisqu'il ne comporte que deux catégories actantielles, que nous avons pu tirer des considérations sur le fonctionnement syntaxique du discours. (GREIMAS, 1966, p. 176)

Ao final da *Sémantique*, o conjunto de categorias actanciais definido e agrupado no modelo actancial é (GREIMAS, 1966, p. 180):

*Sujet vs Objet*

*Destinateur vs Destinataire*

*Adjuvant vs Opposant*

---

<sup>8</sup> Greimas fez uso do termo actante, que nas palavras do sintaxista francês Lucien Tesnière, são “os seres ou as coisas que, a título qualquer e de um modo qualquer, ainda que a título de meros figurantes e da maneira mais passiva possível, participam do processo” (TESNIÈRE apud GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 20).

<sup>9</sup> Souriau, E. Duzentas Mil Situações Dramáticas [1950]. São Paulo: Ática, 1993.

Após definir o sistema actancial, ainda na *Sémantique structurale*, Greimas pesquisou sobre modelos de estruturação da narrativa. O semioticista (GREIMAS, 1966, p. 192-194) retomou as 31 funções proppianas, com o objetivo de chegar a um modelo mais geral, após proceder pelo “emparelhamento” das funções e sugeriu um par funcional tal como: proibição vs violação que é interpretado, no quadro da descrição sintagmática de Propp, como ligado pela relação de implicação (a violação, efetivamente, pressupõe a proibição).

Com esse raciocínio Greimas chegou ao primeiro esquema narrativo canônico.

Esse primeiro esquema compreende: a. prova qualificante, na qual frequentemente se vê o herói conquistar a espada ou o cavalo mágicos que lhe permitirão encarar a prova principal; b. prova principal, na qual o herói realiza o mandato recebido e c. a prova glorificante, na qual ele recebe uma aprovação (HÉNAULT, 2006, p. 136).

O esquema narrativo sofreu modificações, destacadas no próximo capítulo. Toda a base axiomática e o conjunto de hipóteses que deviam ser exploradas por Greimas ao longo de toda a sua existência de pesquisador tiveram presença clara nessa obra que abarca a epistemologia, a teoria e a prática semiótica.

Apesar de a presença de Lévi-Strauss ser menos marcante que a de Propp na *Sémantique structurale*, percebemos que Greimas estava estudando tanto Propp quanto Lévi-Strauss no mesmo período, como atestam os dois principais artigos de Greimas sobre Lévi-Strauss e a sua teoria do mito publicados em 1963 (“A mitologia comparada”) e em 1966 (“Por uma teoria de interpretação da narrativa mítica”). Dessa forma podemos confirmar a periodização que Hénault formulou quando diz que as ideias fundadoras da semiótica narrativa foram desenvolvidas por volta de 1966.

A partir do que examinamos neste capítulo acerca das origens da semiótica narrativa, podemos afirmar que o sistema actancial e o esquema narrativo canônico foram dois desenvolvimentos distintos sobre o mesmo objetivo: o de fundar uma teoria da significação que compreendesse mais do que um único tipo de narrativa. Vimos que os estudos de Propp foram essenciais para Greimas elaborar e desenvolver suas hipóteses sobre os estudos narrativos. Tanto para chegar ao modelo actancial, quanto para comprovar que a narrativa tem uma dimensão sintagmática. Apesar de ter se afastado das funções proppianas, que eram carregadas de conteúdo axiológico, o primeiro esquema narrativo ainda conservava um caráter figurativo caracterizado pelas três provas (qualificante, principal e glorificante). Verificamos que Lévi-Strauss foi um importante divulgador da teoria proppiana, de modo que até Greimas se valeu da leitura crítica que o etnólogo ofereceu.

Com esses dois elementos de base – sistema actancial e esquema narrativo canônico – seguimos para o próximo capítulo, no qual, a partir da cronologia das obras greimasianas, investigamos seus desenvolvimentos até a consolidação da semiótica narrativa como um paradigma científico.

## 2 O PERCURSO DA SEMIÓTICA NARRATIVA COMO PARADIGMA CIENTÍFICO

Neste capítulo, investigamos de que maneira a semiótica narrativa foi sistematizada por Greimas e como se consolidou como paradigma científico. Traçamos a cronologia de publicações de Greimas sobre a semiótica narrativa, buscando precisar seus principais conceitos, de que maneira se desenvolveram e quais relações mantêm com as teorias estudadas na primeira etapa desta pesquisa. O estudo está dividido em dois tópicos: As **primeiras bases**, que abrange o período de **1966 a 1976**, em que nos aprofundamos no estudo das obras greimasianas *Sobre o sentido* ([1970] 1975) e em alguns artigos que foram reunidos em *Du Sens II* [1983]; e o estudo da **consolidação** da semiótica narrativa como paradigma científico, no período de **1976 e 1979**, em que estudamos as obras *Dicionário de Semiótica* ([1979] 2008), *Du Sens II* [1983] e *Maupassant* [1976].

### 2.1 As primeiras bases

As obras greimasianas *Sobre o sentido* ([1970] 1975) e *Du Sens II* [1983] são as que reúnem os desenvolvimentos dessa etapa da semiótica narrativa. Essas duas obras podem ser consideradas contribuições importantes da semiótica narrativa, na medida em que reúnem os principais artigos de A. J. Greimas que foram publicados ao longo dos anos e em diferentes meios, centralizando os conceitos-chave da teoria. Entre os conceitos-chave, que serão retomados neste tópico, estão: o **sistema actancial** e o **esquema narrativo canônico**.

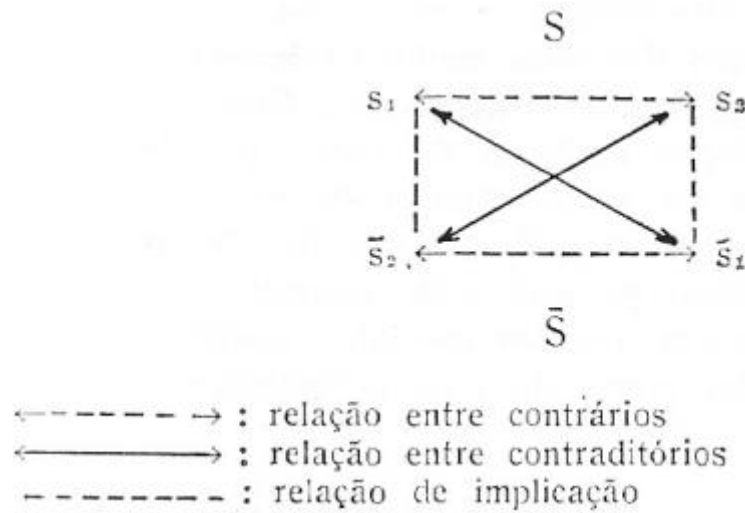
#### 2.1.1 A sintaxe fundamental e a gramática narrativa de superfície.

Parte-se de duas concepções complementares de narratividade: narratividade como transformação de estados, de situações, operada pelo fazer transformador de um sujeito, que age sobre o mundo em busca de certos valores investidos nos objetos; narratividade como sucessão de estabelecimentos e rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos-valor. Em outros termos, as estruturas narrativas



simulam a história da busca de valores, da procura de sentido. (BARROS, 2002, p. 28)

Inicialmente, apresentamos algumas questões que foram aprofundadas por Greimas. A questão da sintaxe fundamental e a da gramática narrativa de superfície. O primeiro tema, a sintaxe fundamental, foi abordado exhaustivamente no artigo “O jogo das restrições semióticas” (com F. Rastier), de 1968. Nesse artigo, Greimas reformulou as bases da estrutura elementar da significação lançadas na *Sémantique structurale* e apresentou o quadrado semiótico (GREIMAS, 1975, p. 127):



Ele justificou a reformulação da seguinte forma:

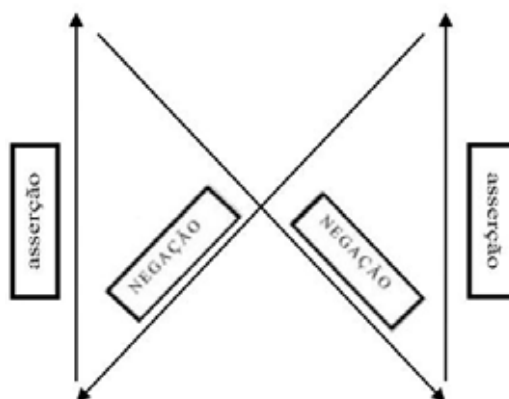
Esta nova apresentação torna possível verificar que a estrutura que permite dar conta do modo de existência da significação - enquanto modelo constitucional dos conteúdos investidos - encontra sua aplicação em domínios muito variados: com efeito, é este também, o modelo do mito proposto por Claude Lévi-Strauss, e a forma da articulação acrônica do conto popular, e, ainda, o modelo que justifica um certo número de universos semânticos particulares (Bernanos, Mallarmé, De Witt de Tracy). É reconfortante para o estudioso da semiótica, constatar que uma perquirição dedutiva encontra, em seu caminho, modelos construídos empiricamente para dar conta de corpus limitados. (GREIMAS, 1975, p. 128)

Mas foi somente no artigo seguinte “Elementos de uma gramática narrativa”, de 1969, que Greimas (1975, p. 151) ofereceu uma representação dinâmica da estrutura elementar ao estabelecer equivalências entre as **relações** fundamentais constitutivas do modelo taxinômico

e as projeções destas mesmas relações, as **operações** que se realizam sobre os termos já estabelecidos desta mesma morfologia elementar:

Assim, a contradição, enquanto relação, serve, no nível da taxinomia, ao estabelecimento de esquemas binários; enquanto operação de contradição, ela consiste, no nível sintático, em negar um dos termos do esquema e em afirmar, ao mesmo tempo, seu termo contraditório. Uma tal operação, quando efetuada sobre termos cujos valores já são investidos, tem, por resultado, transformar os conteúdos, negando os que são propostos e fazendo surgir, em seu lugar, novos conteúdos afirmados como verdadeiros. [...] Podemos, portanto, dar o primeiro passo, provisório, na formulação de uma sintaxe fundamental ao dizer que ela põe em movimento o modelo taxinômico através das transformações dos conteúdos investidos sobre os quais opera. (GREIMAS, 1975, p. 151)

No quadrado as operações de asserção e as de negação são representadas da seguinte forma (BARROS, 2002, p. 23):



As operações ocorrem por meio das transformações. Essas se convertem, no nível narrativo, em fazer. Logo, temos o enunciado narrativo simples (GREIMAS, 1975, p. 155):

$$EN = F(A)$$

onde o fazer enquanto processo de atualização, é denominado função (F) e onde o sujeito do fazer, enquanto potencialidade do processo, é designado como actante (A). O importante é manter a noção de equivalência entre os níveis.

Os enunciados narrativos podem ser de dois tipos: enunciados de estado e enunciados de fazer. Estes têm a função de transformar aqueles.

O programa narrativo (PN) resulta da articulação desses dois enunciados e vai definir, por exemplo, a relação que o sujeito tem com o objeto por meio do conceito de junção

(conjunção e/ou disjunção). A seguir temos a representação dos programas narrativos de conjunção e de disjunção (GREIMAS, 2008, p. 353):

$$PN = F [ S_1 \rightarrow (S_2 \cap O_v) ]$$

$$PN = F [ S_1 \rightarrow (S_2 \cup O_v) ]$$

onde: F = função

S<sub>1</sub> = sujeito de fazer

S<sub>2</sub> = sujeito de estado

O = objeto (suscetível de receber um investimento semântico sob a forma de v: valor)

[ ] = enunciado de fazer

( ) = enunciado de estado

→ = função fazer (resultante da conversão \* da transformação \*)

∩∪ = junção (conjunção ou disjunção) que indica o estado final, a consequência do fazer.

O encadeamento de PNs caracteriza a narrativa canônica e a configuração do programa narrativo individualmente pode definir tanto o actante sintático (sujeito do fazer, sujeito do querer, objeto) quanto a etapa em que o actante está inserido na organização sintagmática: *performance*, sanção etc.

A seguir, vamos retomar o sistema actancial e o esquema narrativo canônico e seus desenvolvimentos pós *Sémantique structurale*.

### 2.1.2 Sistema actancial

[...] Ceci explique pourquoi la sémiotique telle que j'ai commencé à la comprendre a été d'abord une sémiotique de l'action. Toute littérature présente des personnages complexes, des tempéraments, des caractères, des passions. J'ai pensé qu'il fallait, pour commencer par du simple, dépouiller les personnages de toute cette gangue psychologique dont ils sont entourés pour ne voir dans le personnage qu'un actant, pour le dénuder complètement. Ceci est devenu une recherche sur l'action de ce personnage nu. (HÉNAULT, 1994, p. 202)

O sistema actancial passou por duas sínteses. A primeira, definida no capítulo anterior, (na *Sémantique structurale*) corresponde aos três pares de actantes:

Destinador *vs* Destinatário;

Sujeito *vs* Objeto

Adjuvante *vs* Oponente.

Na segunda síntese, de acordo com Bertrand (2003, p. 290) o adjuvante foi incluído na esfera do destinador, que ele representa quando intervém na narrativa e o oponente foi incluído na esfera do antissujeito. Logo, restaram apenas:

Destinador *vs* Destinatário

Sujeito *vs* Objeto

No artigo “Os atuantes, os atores e as figuras” ([1973] 1977) Greimas reafirmou que da mesma forma que um ator pode assumir um certo número de papéis actanciais definidos, um actante pode ser manifestado por diversos atores ao longo da narrativa. Nesse artigo, Greimas definiu os conceitos de papel actancial e de papel temático e reforçou a diferença entre actante e ator. Ao longo do percurso narrativo, os actantes podem assumir variados papéis actanciais que são definidos de acordo com a posição do actante no percurso e do investimento modal que ele assume. Todos os actantes podem ser projetados no quadrado semiótico, de maneira que obtemos, por exemplo, o antissujeito e o antidestinador de um percurso.

Greimas desenvolveu uma tipologia para os actantes. Barros (2002, p. 36) organizou essa tipologia e apresentou-a num quadro:

<b>Unidades sintáticas</b>	<b>Actantes</b>
Esquema narrativo	Actante funcional (sujeito, objeto, destinador, destinatário)
Percurso narrativo	Papel actancial (Ex.: sujeito competente, sujeito do querer)
Programa narrativo (e enunciado elementar)	Actante sintático (sujeito do estado, sujeito do fazer, objeto)

Com o desenvolvimento das modalidades, que veremos no tópico a seguir, Greimas organizou sintagmaticamente a teoria tendo como base os percursos actanciais. Dessa forma, a teoria dispõe de três percursos narrativos: o do sujeito, o do destinador manipulador e o do destinador julgador.

No percurso do sujeito, há o encadeamento lógico dos programas da competência seguido pelo programa da *performance*. Dessa forma, o sujeito assume ao longo do percurso diversos papéis actanciais: sujeito do querer, sujeito do poder, sujeito competente e sujeito realizador (BARROS, 2002, p. 36).

O percurso do destinador-manipulador (percurso da manipulação) é a fonte dos valores do sujeito, tanto os valores que serão visados quanto os valores modais que serão necessários para a conquista do objeto-valor. É o destinador-manipulador que institui o contrato fiduciário com o sujeito, por meio do fazer persuasivo e o sujeito pelo fazer interpretativo aceita ou rejeita o contrato.

O percurso do destinador-julgador corresponde à fase da sanção, no percurso do sujeito. Consiste no encadeamento lógico de programas narrativos, em geral complexos, de dois tipos: de sanção cognitiva (reconhecimento) e de sanção pragmática (retribuição). Na sanção cognitiva, as modalidades veridictórias sobredeterminam o ser do sujeito. O destinador-julgador interpreta os estados resultantes do fazer do sujeito definindo-os como verdadeiros, falsos, mentirosos ou secretos. A sanção realiza as duas operações, a cognitiva e a pragmática (BARROS, 2002, p. 41).

Logo, compreendemos que Greimas iniciou o projeto da semiótica narrativa com o modelo actancial como base e este se desenvolveu de modo a se estabelecer como um verdadeiro pilar da teoria, na medida em que, aspectos da teoria se desenvolveram em torno deste, como a organização sintagmática. O afastamento das categorias actanciais em relação aos elementos figurativos dos inventários de actantes que vimos no início e a instauração das modalidades ocasionaram novas possibilidades de consolidação da teoria como um paradigma.

### 2.1.3 O esquema narrativo canônico

[...] A fim de tornar perceptível o fato de que o encadeamento das ações postas na narrativa tem um sentido e de que uma intencionalidade aí se delinea a posteriori, Greimas evidenciou a existência de um quadro geral da organização da narrativa, o quadro cujo alcance é, quando não universal, pelo menos transcultural: o “esquema narrativo canônico” (BERTRAND, 2003, p. 292)

O esquema narrativo, assim como o sistema actancial, passou por etapas até alcançar o grau de abstração necessário para abordar qualquer narrativa. O primeiro esquema depreendido das 31 funções de Propp e apresentado na *Sémantique structurale* [1966], consistiu no esquema das três provas: prova qualificante, prova decisiva e prova glorificante. Assim como o sistema actancial, esse primeiro esquema se restringia às narrativas figurativas.

As três provas se caracterizam por serem sempre desempenhadas pelo herói. Na **prova qualificante** o objetivo do sujeito-herói é o de adquirir a competência; a **prova decisiva** é considerada o núcleo da instância da *performance* e a **prova glorificante** corresponde ao reconhecimento final (sanção) do verdadeiro herói e conseqüentemente punição do vilão.

Mais que a sucessão das trinta e uma funções, pela qual Propp definia a narrativa oral e cujos princípios lógicos de organização são dificilmente percebidos, foi a iteração das três provas - qualificante, decisiva e glorificante - que se apresentou como a regularidade, situada no eixo sintagmático, reveladora da existência de um esquema narrativo canônico: a prova podia ser, então, considerada como um sintagma narrativo recorrente, formalmente reconhecível, de modo que só o investimento semântico - inscrito na consequência — permitia distingui-las entre si. As análises ulteriores e os progressos na construção da gramática narrativa levaram, a seguir, a reduzir a importância do papel da prova, chegando até a considerá-la apenas uma figura discursiva de superfície: o que não impede que a própria sucessão das provas, interpretada como uma ordem de pressuposição lógica às avessas, pareça regida por uma intencionalidade reconhecível a posteriori, comparável à que serve para dar conta, em genética, do desenvolvimento do organismo. (GREIMAS, 2008, p. 331)

Uma nova configuração do esquema narrativo foi apresentada por Greimas ([1969] 1975) no artigo “Elementos para uma gramática narrativa”. Nessa síntese, Greimas desenvolveu categorias mais abrangentes: **contrato – competência - performance - sanção**. Bertrand (2003, p. 295) demonstrou a distribuição das relações actanciais, que agora podem ser reconhecíveis em cada etapa do novo esquema:

[...] o contrato põe em relação o Destinator-manipulador e o sujeito; a competência põe em relação o sujeito e o objeto; a *performance* põe em relação o sujeito e o antissujeito em torno do objeto-valor; a sanção, enfim, restabelece o contato entre o sujeito e o Destinator, que desempenha agora um papel de julgador.

Entretanto, o esquema narrativo passou por mais uma síntese, em *Maupassant* [1976], com o desenvolvimento dos percursos dos destidores. Restam somente três grandes domínios semióticos: **manipulação – ação – sanção**. Como visto no tópico anterior, o percurso da manipulação corresponde ao do destinator manipulador; o percurso da ação ao sujeito; e o percurso da sanção ao destinator-julgador. Sobre essa síntese, Hénault (2006, p. 141) comenta:

Retrospectivamente, o esquema canônico das três provas (qualificante, principal, glorificante) tirado da morfologia de Propp era desde então considerado como um esquema ideológico, a memorização pela linguagem do sentido da vida, uma espécie de saber global sobre os encadeamentos de ações que fazem sentido na vida de um grupo ou de um indivíduo. Ele era menos generalizante que o novo esquema de manipulação, ação (articulada em aquisição de competência, depois desempenho), sanção, que demonstrava aplicável em todos os casos (figurativos ou não), nas quais o que estava em jogo eram representações de mudanças de estado.

Examinamos as bases da semiótica narrativa, do modelo constitucional e da gramática narrativa de superfície e reconhecemos alguns de seus pontos de apoio e de evolução, e principalmente a relação que as bases têm com os desenvolvimentos do sistema actancial e do esquema narrativo.

Nesse momento é possível identificar algumas continuidades e/ou rupturas em relação aos estudos que influenciaram Greimas no início. O afastamento progressivo de categorias figurativas e dos objetos de estudo que tratam sobre mitologia e folclore indicam os caminhos de ruptura com as suas origens.

Logo, o modelo greimasiano se fixou como um modelo que visava à apreensão do sentido na forma de oposições, mas também que abarcava uma lógica da ação definida pelo sistema actancial.

Observamos que a formulação final do sistema actancial e do esquema canônico revelam o interesse em ampliar os limites do paradigma. Ao se afastar das categorias figurativas e que remetiam aos estudos do conto ou do mito, o modelo de Greimas alcançou a abstração ideal para abranger a diversidade de objetos que a linguagem humana oferece.

A seguir, veremos o conceito de modalidade e de aspectualização que consolidaram e a teoria até um ponto que culminou com algumas mudanças no paradigma, na medida em que ultrapassaram os limites da semiótica narrativa em direção a uma semiótica discursiva.

## 2.2 A Consolidação da semiótica narrativa

Se o Dicionário I, de Greimas e Courtés [1979] é, de fato, o divisor de águas no pensamento semiótico, é justamente porque concentra, explica e emenda as aquisições teóricas que podem ser encontradas de maneira explícita (algumas vezes em fase de testes, outras, mais primárias, em fase de construção) [...]. (PORTELA, 2008, p. 69)

Nessa etapa do percurso da semiótica narrativa temos a consolidação dos seus conceitos-chave por meio da publicação do *Dicionário de Semiótica* [1979], mas também por conta dos avanços em relação aos estudos das **modalidades** e da **aspectualização**.

Para Ricœur (1995, p. 94) o grande marco dessa fase é a análise de *Maupassant*. Dentre as contribuições importantes da obra, Ricœur destaca a introdução do fazer cognitivo, a distinção entre fazer persuasivo e fazer interpretativo e a instauração da estrutura de veridicção. Além disso, Ricœur afirmou que a imbricação do nível lógico-semântico e de seu investimento discursivo dinamizaram ainda mais o modelo sem enfraquecer a base paradigmática (RICŒUR, 1995, p. 91).

Vamos retomar os conceitos de modalidade e de aspectualização que representam desenvolvimentos importantes desta etapa de consolidação da teoria.

### 2.2.1 Modalidades

O desenvolvimento da problemática das *modalidades* marca época na história da semiótica, uma vez que ela, por sua vez, permitia fragmentar em *percursos actantes* mais precisos, os *programas de fazer* ou *de ser* que tinham permitido articular e decompor as grandes unidades que eram as provas do esquema canônico. Por outro lado, ela permitiu a grande extensão das leituras narrativas de textos verbais, plásticos ou comportamentais, quando nada, *a priori*, permitia pensar que eles “contassem uma história”. Podem-se observar indícios de modalidades virtualizantes (querer e dever) ou atualizantes (poder e saber) tanto no comportamento de uma criança



psicótica recusando-se a falar quanto no relatório de experiência química ou biológica. (HÉNAULT, 2006, p. 141 grifo do autor)

Greimas introduziu o tema das modalidades logo na *Sémantique structurale* (p. 153). Nessa ocasião, afirmou que o domínio das categorias modais era tão pouco explorado, até então, que ainda não existia um inventário dos verbos ditos modais, então, ele só poderia apresentar amostras de suas “impressões” sobre o caráter modal das categorias actanciais admitidas no momento (GREIMAS, 1966, p. 153): a categoria sujeito *vs* objeto seria uma modulação do *poder*; a categoria destinador *vs* destinatário seria uma modulação do *saber* e finalmente a categoria adjuvante *vs* oponente corresponderia ao *querer*.

Encontramos novos desenvolvimentos sobre o assunto no artigo “Elementos de uma gramática narrativa” [1969] no qual Greimas retomou a definição anteriormente exposta na *Sémantique* e definiu dois tipos de execução (*performance*): a modalizada pelo *saber-fazer* e a modalizada pelo *poder-fazer*. E apresentou uma primeira hierarquia dos valores modais que deve orientar o percurso sintático:

querer → saber → poder → fazer

Essa orientação significa que a partir do *querer* do sujeito, somente a aquisição do valor modal pode tornar o sujeito apto a realizar a *performance*. Logo, a aquisição do valor modal do *saber* traz por consequência a atribuição do *poder-fazer*. Em 1976, Greimas desenvolveu um artigo completamente voltado para o estudo das modalidades: “Pour une théorie des modalités”. Nesse artigo, Greimas apresentou desde as estruturas modais simples até um sistema que representa o funcionamento dos códigos sociais. Então, ele desenvolveu uma detalhada tipologia das modalidades e propôs uma organização sintagmática da narrativa canônica com base nas categorias modais.

[...] As modalidades resultam da conversão da categoria tímico-fórica fundamental [...] e alteram, na instância narrativa, as relações do sujeito com os valores. A modalização, por sua vez, deve ser entendida como a determinação sintática de enunciados: um enunciado, que será denominado modal modifica um enunciado dito descritivo. O enunciado modal pode ser tanto um enunciado de estado quando um enunciado de fazer, e modalizar enunciados de estado ou de fazer. (BARROS, 2002, p. 50)

Greimas categorizou as modalidades de duas maneiras: entre as do fazer (*ser-fazer* e *fazer-fazer*) e as do ser (*fazer-ser* e *ser-ser*) e em relação aos modos de existência. Para essa

caracterização, ele projetou as categorias no quadrado semiótico e em seguida indicou **denominações** para as categorias modais.

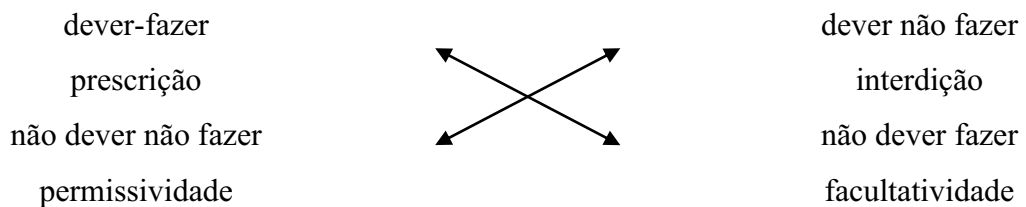
No *Dicionário de Semiótica* ([1979] 2008), Greimas apresentou um quadro geral que demonstra essa categorização (GREIMAS, 2008, p.315):

<b>Modalidades</b>	<b>virtualizantes</b>	<b>atualizantes</b>	<b>realizantes</b>
<b>exotáticas</b>	<i>dever</i>	<i>poder</i>	<i>fazer</i>
<b>endotáticas</b>	<i>querer</i>	<i>saber</i>	<i>ser</i>

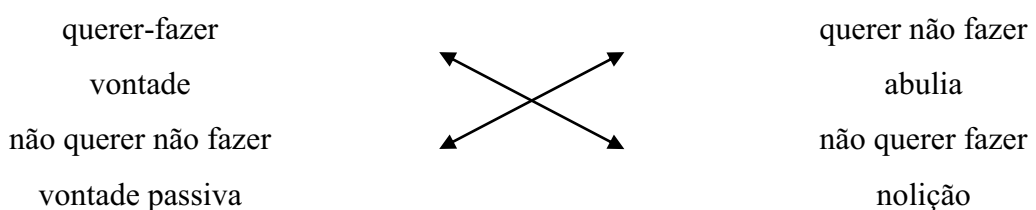
As modalidades virtualizantes *dever-fazer* e/ou *querer-fazer* instauram o sujeito (chamado sujeito virtual). As modalidades atualizantes *poder-fazer* e/ou *saber-fazer* qualificam o sujeito (sujeito atualizado ou competente) para a ação ou *performance* posterior. A modalidade realizante *fazer-fazer* caracteriza a *performance*, em que o sujeito torna-se sujeito realizado. Já o *ser-fazer* caracteriza a competência do sujeito. Quando uma estrutura modal é composta por um sujeito modalizador diferente do sujeito modalizado, a modalidade é chamada exotática. Será endotática, quando houver sincretismos dos sujeitos no mesmo ator (BARROS, 2002). Abaixo, apresentamos as modalidades virtualizantes, atualizantes e realizantes e suas respectivas denominações:

### **Modalidades virtualizantes**

#### **Dever-fazer** (GREIMAS, 2008, p. 135)

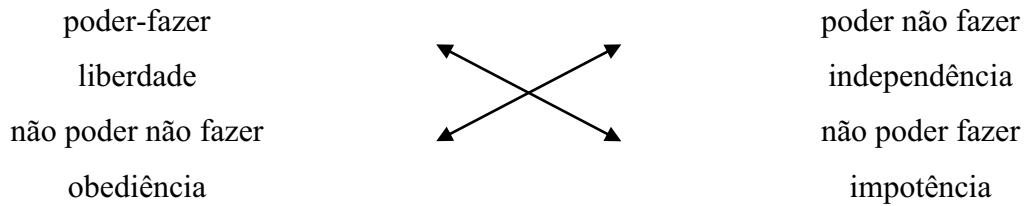


#### **Querer-fazer** (BARROS, 2002, p. 53)

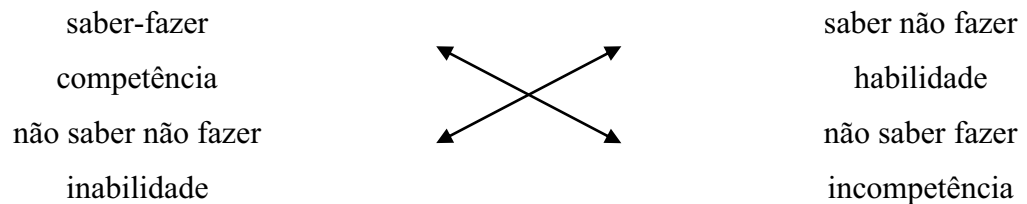


### Modalidades atualizantes

#### Poder-fazer (GREIMAS, 2008, p. 373)

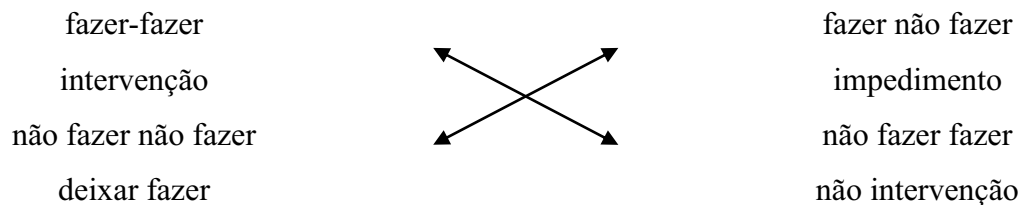


#### Saber-fazer (BARROS, 2002, p. 53)



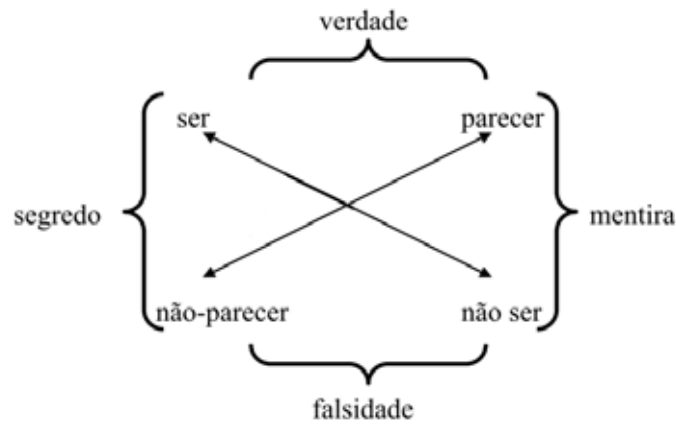
### Modalidades realizantes

#### Fazer-fazer (GREIMAS, 2008, p. 301)



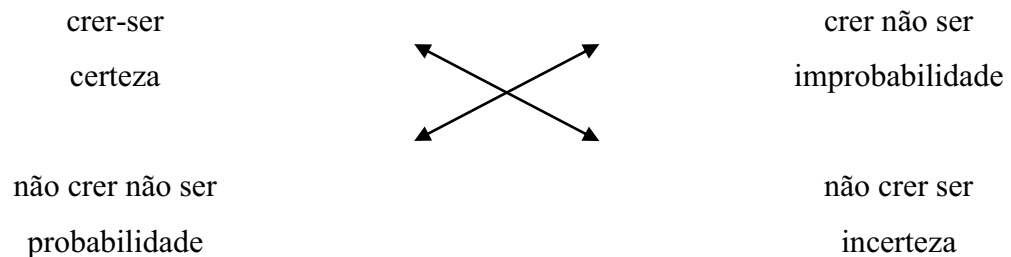
De acordo com Barros (2002) a modalização do ser resulta da regência tanto por um enunciado do fazer (*fazer-ser*) quanto por um enunciado de estado (*ser-ser*). O *fazer-ser* caracteriza a *performance* do sujeito e o *ser-ser* determina a sanção no percurso do destinador-julgador. O ser que modaliza o ser articula-se como categoria modal em /ser/ vs /parecer/ e é chamado de modalidade veridictória. Projetadas no quadrado, as modalidades veridictórias são as seguintes:

**Modalidades veridictórias: ser-ser** (BARROS, 2002, p. 55)



Em *Maupassant* [1976] Greimas aplicou o conceito de fazer interpretativo que, segundo Barros (2002, p. 56), também é um fazer cognitivo que modaliza um enunciado pelo parecer e pelo ser (enunciados que já foram modalizados veridictóriamente) e estabelece a correlação entre os dois planos, da manifestação e da imanência. São chamadas de modalidades epistêmicas organizadas no quadrado semiótico e seguidas das suas denominações (GREIMAS, 2008, p. 172):

**Modalidades epistêmicas: crer-ser**



Em “De la modalisation de l’être” ([1979] 1983) Greimas examinou a modalização do ser e introduziu as ideias de existência modal, de tensividade e começou a trilhar o caminho da mudança do paradigma de uma semiótica que teve como foco o fazer do sujeito (e nas relações sujeito/objeto e sujeito/sujeito) para uma semiótica que leva em conta o sentir (foco no sujeito como corpo sensível).

Competência modal e existência modal são complementares na definição do sujeito, respectivamente, do fazer e do estado. A modalização do ser é responsável, portanto, pela existência modal do sujeito de estado. (BARROS, 2002, p. 59)

Por exemplo, temos algumas das modalidades representadas pelas suas categorias modais e denominações correspondentes:

**Querer-ser** (BARROS, 2002, p. 53)

querer-ser		querer não ser
desejável		prejudicial
não querer não ser		não querer ser
não prejudicial		indesejável

**Dever – ser** (GREIMAS, 2008, p. 135)

dever- ser		dever não ser
necessidade		impossibilidade
não dever não ser		não dever ser
possibilidade		contingência

**Poder – ser** (GREIMAS, 2008, p. 372)

poder-ser		poder não ser
possibilidade		contingência
não poder não ser		não poder ser
necessidade		impossibilidade

**Saber – ser** (BARROS, 2002, p. 59)

saber-ser		saber não ser
verdadeiro		ilusório
não saber não ser		não saber ser
(?)		(?)

Compreendemos que o paradigma da semiótica narrativa acompanhou as mudanças que ocorreram ao longo do desenvolvimento das modalidades. No princípio, o foco da teoria era numa “semiótica da ação” pautada no *fazer-ser* do sujeito em relação ao objeto (*performance*).

Em seguida, a teoria voltou-se para verificar como se apresentava o fazer do sujeito diante da ação. Logo, foram reconhecidas as quatro modalidades, que correspondem à competência do sujeito: *saber*, *poder*, *querer* e *dever-fazer*.

O questionamento acerca das motivações do sujeito, incitaram ao estudo da “semiótica da manipulação” caracterizada por um *fazer-fazer* e pela relação entre sujeitos. Essa relação inspirou o desenvolvimento da “semiótica da persuasão”: o *fazer-crer*.

Ainda na relação sujeito/sujeito, tivemos o advento da “semiótica da sanção” que caracteriza o *ser-ser*, o *crer-ser* e *parecer do ser*. Essa última modalidade corresponde às modalidades veridictórias.

Todas essas categorias se desenvolveram, como vimos, ao longo do tempo e de acordo com as necessidades teóricas de Greimas. Por exemplo, em *Maupassant*, no qual foi imprescindível levar em consideração os processos que se desenrolam no plano cognitivo, Greimas desenvolveu e aplicou as modalidades veridictórias. Dessa forma, compreendemos que as modalidades indicam um aumento de complexidade na concepção da narrativa e condicionam a inteligibilidade do texto a fatores socioculturais que estabelecem seus limites.

### 2.2.2 Aspectualização

Na obra *Maupassant* [1976] Greimas analisou um texto literário, considerado mais complexo que os contos e mitos. Essa complexidade se revelou, por exemplo, no diferente arranjo das operações “lógico-semânticas”:

Comment interpréter les rôles de /mourant/ et de /vivant/, dont les parcours narratifs implicites consistent justement à ménager le passage d’un terme contradictoire à l’autre? La difficulté ne peut être surmontée qu’en affirmant l’autonomie de deux niveaux distincts de la représentation sémiotique, d’un **niveau logico-sémantique** où se trouvent situées les opérations logiques rendant compte des manipulations des contenus d’un texte, et d’un **niveau discursif** où ces mêmes opérations logiques, une fois **converties**, sont susceptibles de recevoir, sur le plan grammatical, des formulations actantielles relevant d’une grammaire narrative de surface et, sur le plan

sémantique, des représentations processuelles et aspectuelles.(GREIMAS, 1976, p. 24 grifo do autor)

Para resolver a questão, Greimas (1976, p. 25) propôs abandonar provisoriamente o nível lógico-semântico e tentar representar o funcionamento dos **papéis temáticos** no nível **discursivo**. Os papéis temáticos a que ele se refere são o de */mourant/* e o de */vivant/* (que correspondem, respectivamente, no nível lógico-semântico a */não-morto/* e */não-vivo/*). Esses papéis temáticos apresentam um processo contínuo e são dotados do sema aspectual de */duratividade/*:

[...] Ainsi, dans le cas de */mourant/*, le procès qui, lui, est sous-jacent comporte l'aspect **duratif** – correspondant au terme logique de */non-mort/* - et un aspect **terminatif** – correspondant au terme */mort/*. Un troisième sème aspectuel doit être introduit ici, celui de */tensivité/* (indispensable lorsqu'on veut donner, par exemple, la représentation sémantique des lexèmes tels que "assez", "proche", "trop", "loin", etc): il peut être défini comme la relation de tension que contracte le sème duratif avec l'un ou l'autre des sèmes ponctuels. (GREIMAS, 1976, p. 25, grifo nosso)

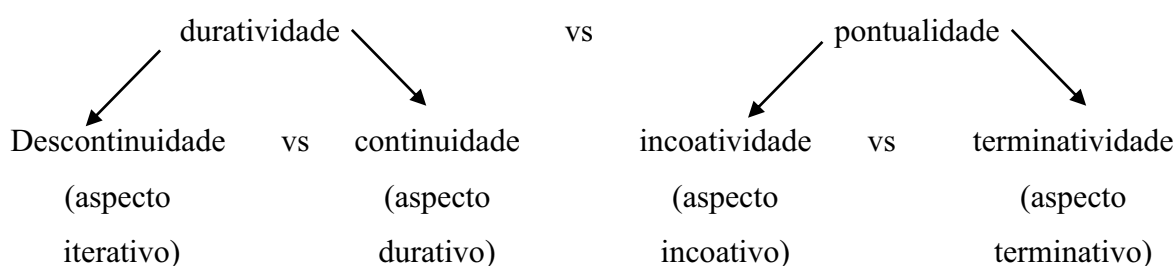
No caso que nos interessa é a relação tensiva entre o processo **durativo** e seu acabamento, o aspecto pontual **terminativo**, que parece poder dar conta do percurso narrativo dos dois papéis de */moribundo/* e de */vivente/*. Apesar de suspender o nível lógico-semântico e trabalhar no nível discursivo, Greimas logo resolve a questão da aspectualização e dos níveis do percurso ao afirmar que o caráter dinâmico das estruturas aspectuais colocadas em um nível menos profundo são homologáveis às estruturas lógico-semânticas. Do ponto de vista narrativo, ainda de acordo com Greimas (1976, p. 38), as transformações se apresentam inacabadas, o que revela um caráter dinâmico e não estático. O caráter dinâmico é expresso, justamente, pela colocação das estruturas aspectuais num nível menos profundo do que as estruturas lógico-semânticas, mas de certa forma homologáveis a elas.

Em 1979, Greimas e Courtés apresentaram uma definição mais completa do conceito de aspectualização no *Dicionário de semiótica* (GREIMAS, 2008, p. 39)

Historicamente, o aspecto é introduzido na linguística como "ponto de vista sobre a ação", suscetível de se manifestar sob a forma de morfemas gramaticais autônomos. Tentando explicitar a estrutura actancial subjacente à manifestação dos diferentes "aspectos", fomos levados a introduzir nessa configuração discursiva um actante observador para quem a ação realizada por um sujeito instalado no discurso aparece como um processo, ou seja, como uma "marcha", um "desenvolvimento". Sob esse ponto de vista, a aspectualização de um enunciado (frase, sequência ou discurso) corresponde a uma dupla delegação: o enunciador que se delega no discurso, por um

lado num actante sujeito do fazer e, por outro, num sujeito cognitivo que observa e decompõe esse fazer, transformando-o em processo. [...] A utilização de tal estrutura actancial cobre as diferentes articulações do processo (ou de seus aspectos), mas nada diz acerca da natureza do processo em si. Localizando-o no tempo, dir-se-á que a aspectualização é uma sobredeterminação da temporalidade e que o processo, mesmo sendo temporal, só se torna inteligível graças às suas articulações aspectuais.

Segundo Barros (2002, p. 91) o efeito de sentido decorrente da aspectualização liga-se apenas indiretamente à instância da enunciação. A aspectualização mantém relativa independência da enunciação, pois esta desembreia um sujeito do fazer, que faz, e um sujeito cognitivo que observa. Embora temporal, o processo é apreendido pela sobredeterminação aspectual. As categorias aspectuais, organizadas em sistemas, caracterizam os aspectos discursivos:



Observamos que com o estabelecimento das modalidades e a instauração da aspectualização, alguns impasses puderam ser resolvidos, na medida em que esses dois desenvolvimentos, por exemplo, permitiram um certo alargamento dos limites da teoria. As modalidades, que nasceram junto com a semiótica narrativa, mas cujo máximo desenvolvimento pode ser considerado após a superação das modalidades do *fazer* e com os estudos das modalidades do *ser*, estão entre conceitos que definem bem essa ampliação da teoria.

A instauração da aspectualização veio da necessidade de abarcar as estruturas consideradas dinâmicas. Greimas reconheceu, então, dois níveis autônomos, mas equivalentes: o **nível lógico** e o **nível discursivo**. Essa equivalência deve se dar na projeção das estruturas lógico-semânticas, já temporalizadas pelas categorias aspectuais, sobre o eixo da temporalidade do nível discursivo.

Com a aspectualização foram introduzidas as categorias do nível discursivo, que indicam os desenvolvimentos posteriores em relação à temporalização do modelo. É



perceptível que nesse momento a semiótica narrativa não é mais restrita a narrativas figurativas, mas não quer dizer que houve uma ruptura com o antigo modelo.

A semiótica narrativa pós-modalidades e pós-categorias aspectuais respondeu à necessidade de se extrapolar o nível propriamente narrativo, segundo a concepção inicial, para ganhar o nível discursivo. Tanto o conceito de modalidade, como o de aspectualização são conceitos narrativos mas “mistos”, “narrativo-discursivos”, pois dependem de uma compreensão de conjunto dos fatos discursivos. Não que a sintaxe narrativa não dependa, mas é que nela se tem a impressão de que há uma certa autonomia do nível narrativo.

A seguir, no último capítulo, vamos retomar algumas das questões de P. Ricœur acerca dos impasses que ele atribuiu à semiótica narrativa.

### 3 IMPASSES QUE CULMINARAM COM A MUDANÇA DO PARADIGMA

Neste terceiro e último capítulo da dissertação estudamos os questionamentos de P. Ricœur acerca da semiótica narrativa, que coincidem com o que podemos chamar de impasses da teoria. Chamamos assim, pois, são questões que atestam os limites da teoria, na época, mesmo que alguns tenham sido posteriormente expandidos.

É importante saber, ao longo da leitura do trabalho, que Ricœur tinha interesse pela narratividade e pelo estudo das narrativas em geral. Dessa forma, suas críticas concernem não somente ao nível narrativo, estudado aqui, mas a todo empreendimento desenvolvido por Greimas. Isso fica claro quando falamos da temporalidade, por exemplo, que é uma questão de suma importância para a teoria ricœuriana sobre a narratividade.

#### **As críticas de Ricœur**

Segundo Dosse (2008, p. 325) a relação entre Greimas e Ricœur teve início no começo dos anos 1960. Em 1968, Ricœur foi convidado pela primeira vez para participar do seminário de Greimas. Ricœur fez, nessa ocasião, uma comunicação sobre a narrativa bíblica. Os encontros se seguiram em diversos debates acadêmicos ao longo dos anos 1970.

Em 1980, houve a publicação de “Herméneutique et sémiotique”, artigo no qual Ricœur afirmou que a hermenêutica e a semiótica não são disciplinas rivais, mas que têm maneiras diferentes de lidar com a dialética entre explicar e compreender. Ainda em 1980, Ricœur publicou o artigo “A gramática narrativa de Greimas”, em que analisou o método de Greimas, principalmente a divisão em dois níveis, um fundamental e um nível narrativo de superfície e a questão da lógica da conversão entre esses níveis. Nesse trabalho, Ricœur afirmou que o modelo constitucional (quadrado semiótico) é definido por uma dimensão praxica com uma inteligibilidade mista: fenomenológica e linguística (DOSSE, 2008, p. 327).

Após a leitura de *Maupassant* [1976], Ricœur escreveu o artigo: “Figuration et configuration à propos du Maupassant de A. J. Greimas” [1985]. Em 1990, Ricœur escreveu, novamente, sobre a semiótica greimasiana. Dessa vez para a revista de semiótica *Nouveaux*

*Actes Sémiotiques*<sup>10</sup>. Nesse artigo, intitulado “Entre herméneutique et sémiotique”, o autor aprofundou a questão da dialética entre compreender e explicar e defendeu a seguinte tese:

[...] Entre sémiotique et herméneutique, il n’y a donc pas incompatibilité, mais simple renversement de priorité. Pour l’herméneute, l’expliquer est un passage obligé pour la compréhension, alors que pour le sémioticien, c’est l’explication qui mène le jeu, le comprendre en étant un effet de surface. (DOSSE, 2008, p. 330)

Sobre a questão da temporalidade, a principal tese que Ricœur defendeu é a de que “o tempo se torna humano na medida em que é organizado à maneira de uma narrativa; e a narrativa tem sentido, por sua vez, na medida em que retrata os aspectos da experiência temporal” (PELLAUER, 2010, p. 99-100). Logo, ele questionou uma das principais características da semiótica narrativa, que é a de ser acrônica.

Foi a partir desses textos que buscamos compreender as questões levantadas por P. Ricœur sobre a narratividade e, mais especificamente, sobre a semiótica narrativa de Greimas. Dentre as várias questões levantadas por Ricœur, ao longo de seu diálogo com a semiótica greimasiana, vamos examinar três que nos parecem particularmente relevantes: a **lógica das conversões**, a questão da **temporalidade** e a dialética entre **explicar e compreender**. Se essas questões nos parecem importantes é porque tratam justamente de impasses que a semiótica narrativa procurou resolver na constituição de uma semiótica discursiva, que aborda o discurso em sua complexidade.

### **A lógica das conversões**

P. Ricœur desenvolveu a sua crítica sobre a lógica das conversões do percurso gerativo de sentido greimasiano no artigo “A gramática narrativa de Greimas”, publicado pela primeira vez em 1980. Nesta primeira publicação, Ricœur desenvolveu suas questões baseando-se na obra *Sobre o sentido* [1970], mais especificamente no artigo: “Elementos para uma gramática narrativa” [1969] e remetendo em diversos momentos a outro artigo dessa obra, “O jogo das restrições semióticas” [1968]. Após ter conhecimento de *Maupassant* [1976], Ricœur retomou essas questões pautando-se nos então novos desenvolvimentos apresentados por Greimas. Essa reavaliação e a reafirmação das questões, foram publicadas na obra *Tempo e narrativa*,

---

<sup>10</sup> *Nouveaux Actes Sémiotiques* n.7, PULIM: Limoges, 1990 p. 3-51

tomo II, em uma seção específica sobre estudos da narrativa e que inclui análises sobre a obra de V. Propp e de C. Bremond. A principal tese que Ricœur defendeu em torno da questão da lógica das conversões é a de que:

[...] o modelo de Greimas me parece submetido a uma dupla injunção: lógica por um lado, praxica-pática por outro. Mas só satisfaz à primeira, levando sempre mais adiante a inscrição no quadrado semiótico dos componentes da narratividade introduzida a cada novo patamar, se paralelamente a inteligência que temos da narrativa e da intriga suscitar acréscimos apropriados de ordem francamente sintagmática, sem as quais o modelo taxionômico permaneceria inerte e estéril. (RICŒUR, 1995, p. 102)

Ele chegou a essa conclusão após questionar se as condições do modelo constitucional são conservadas ao longo de todo o percurso gerativo. Para complementar a questão, Ricœur também investigou a narrativização do modelo, ou seja, a passagem das relações não orientadas do modelo taxionômico para as operações orientadas que são responsáveis pela interpretação sintática do modelo (RICŒUR, 1995, p. 97). Seus principais argumentos desenvolveram-se basicamente em três direções: (a) sobre o modelo taxionômico inicial não permanecer um modelo “forte”; (b) que o enriquecimento do modelo provém de uma semântica da ação; e (c) que há no modelo uma fenomenologia implícita.

O primeiro questionamento de Ricœur (RICŒUR, 1995, p. 96 - 97) é sobre a força do modelo constitucional. O modelo é considerado forte quando são atendidas as três exigências: contradições, contrariedades e pressuposições que resultem de uma oposição binária entre semas de mesma categoria, como por exemplo a categoria sêmica binária branco vs preto.

Ora, é duvidoso que essas três exigências sejam satisfeitas em seu rigor no domínio da narratividade. Se assim fosse, todas as operações ulteriores deveriam ser tão “previsíveis e calculáveis” [...] quanto o autor declara. Mas, então, nada aconteceria. Não haveria acontecimento. Não haveria surpresa. Não haveria nada para contar. Podemos então presumir que a gramática de superfície lidará na maioria das vezes com quase contradições, quase contrariedades, e quase pressuposições. (RICŒUR, 1995, p. 96-97)

Logo, Ricœur duvidava que uma narrativa possa se explicitar no quadrado, revelando as mesmas operações lógicas. Ele acreditava (RICŒUR, 1995, p. 95-96) que o analista era guiado pela antecipação do estágio final da narrativa, o que significa, que ele adotava um ponto de vista criativo e experiencial (e não descritivo) imaginando como seria criar/viver uma narrativa que estivesse de antemão determinada. Em princípio, ele estava certo, já que as narrativas contêm as operações do quadrado mais ou menos explícitas e mais ou menos

condensadas. No entanto, do ponto de vista descritivo, que é aquele da semiótica, o analista vai cuidar de resolver os problemas de inconsistência que a narrativa aparentemente revela, recobrando a narrativa de uma lógica que se supõe ser a sua.

Em seguida, Ricœur investigou os enriquecimentos do modelo inicial. O primeiro consiste nas determinações características do fazer, que o autor afirmou derivarem de uma semântica da ação que seria de fato pressuposta pela teoria do enunciado narrativo e o que ficaria ainda mais evidente na passagem, por modalização, dos enunciados sobre o fazer aos enunciados sobre o poder fazer. A questão de Ricœur (1995, p. 98) nesse momento é a seguinte: “por que sabemos, com efeito, que o *querer fazer* torna o fazer eventual? Não há nada no quadrado semiótico que nos permita pressupor isso”. Nesse ponto chegamos ao terceiro argumento:

[...] é a fenomenologia implícita à semântica da ação que dá sentido à declaração de Greimas de que “os enunciados modais que têm o querer como função instauram o sujeito como uma virtualidade do fazer, enquanto dois outros enunciados modais, caracterizados pelas modalidades do saber e do poder, determinam esse eventual fazer de duas maneiras diferentes: como um fazer proveniente do saber ou que se funda unicamente no poder (p. 175). Essa fenomenologia implícita também vem à luz ao podermos interpretar o enunciado modal como o “desejo de realização” de um programa que está presente sob forma de enunciado descritivo a ao mesmo tempo faz parte, enquanto objeto, do enunciado modal [...]. (RICŒUR, 1995, p. 98)

O filósofo concluiu seus questionamentos de maneira categórica, afirmando que o plano semiótico e o plano prático têm uma relação de precedência mútua. O quadrado semiótico traz sua rede de termos interdefinidos e seu sistema de contradição, contrariedade e pressuposição. Dessa maneira, considerando a gramática mista, Ricœur (1995, p. 99) concluiu que não parece possível ver uma equivalência entre as estruturas desenvolvidas pela semiótica da ação e as operações implicadas pelo quadrado semiótico. Quando perguntado sobre a afirmação de Ricœur acerca do caráter misto da semiótica, Greimas argumentou:

[...] A un niveau profond, nous avons le concept de transformation, qui rend compte de tout faire et de tout changement. A un niveau plus superficiel, la transformation se trouve convertie en faire, et le faire, c'est déjà autre chose: c'est déjà non seulement un jugement à l'état pur, mais aussi la relation transitive entre le sujet et l'objet. Le concept de transitivité fait qu'on a besoin d'une conversion, conçue comme une augmentation de sens et une reformulation de la syntaxe, à un autre niveau. La transitivité est un concept très important quelle que soit la dénomination qu'on lui donne, intentionnalité, orientation logique, etc. C'est la condition de la fonction des

relations entre le sujet et le predicat - sans cela on ne peut pas, en logique, les distinguer l'un de l'autre. J'ai donc institué un niveau, un lieu pour la transitivité permettant d'expliciter, à la surface, le concept de transformation. (ARRIVÉ e COQUET, 1987, p. 315-316)

Logo, Greimas afirmou que as transformações do nível profundo se convertem em fazer no nível narrativo e que o estabelecimento da equivalência entre a operação e o fazer constitui a introdução, no nível mais superficial, da dimensão antropomórfica. Mas, para compreender essa divergência, é necessário levar em conta que o fazer para Greimas é diferente do fazer para Ricœur: para este, cada fazer é singular, não explicável por meio da transformação puramente lógica; e para Greimas (1975, p. 154) o fazer é uma operação duplamente antropomórfica: enquanto atividade, ele pressupõe um sujeito; e enquanto mensagem, ele é objetivado e implica o eixo de transmissão entre destinador e destinatário. Assim, Greimas acredita que o fazer, seja qual for, manifesta uma transformação.

Sobre a questão da equivalência entre os níveis e o caráter misto, que Ricœur afirmou caracterizar o modelo, Greimas respondeu:

[...] Ricœur pose donc le problème du rapport d'équivalence entre, d'un côté, le faire syntaxique, qui reformule les opérations syntaxiques en langage anthropomorphe et, de l'autre, le faire générique qui est le terme formel substitué à tous les verbes d'action. Ce qui a échappé à Ricœur, c'est que, en remontant les niveaux de conversion, en allant de la profondeur vers la surface, il y a un troisième terme qui est le procès. Si la transformation se trouve bien convertie en faire, qui est un verbe transitif, le faire, de son côté, en passant au niveau discursif, se transforme en procès [...]. Le procès, c'est donc un faire ordinaire transcodé. [...] Toujours dans la linguistique traditionnelle, on distingue le procès des états: c'est cette distinction qui est analysée au niveau discursif de surface quand on parle de verbes d'action. Mais évidemment, comme procès, il faut que le faire soit aspectualisé.[...] Autrement dit, on a besoin, tout d'abord, d'un faire transitif, et ensuite, lors de l'enrichissement génératif, on rencontre le faire temporalisé, spatialisé et actorialisé. (ARRIVÉ e COQUET, 1987, p. 316- 317)

Logo, vemos que Greimas refutou a ideia de Ricœur do caráter misto da teoria, com a reafirmação dos conceitos de transformação e de transitividade e a introdução das estruturas discursivas e aspectuais. No próximo tópico, apresentamos os questionamentos que Ricœur fez sobre a temporalidade na semiótica greimasiana.

## A questão da temporalidade

Ricœur entendia a temporalidade como uma fenomenologia do tempo. Essa fenomenologia se apoia sobre dois tempos: um físico e um humano. O tempo físico consiste em um instante qualquer. O tempo humano se inicia num “agora” no qual se tem um passado e um futuro [...] (ARRIVÉ e COQUET, 1987, p. 294). Os conceitos de fenomenologia do tempo e do agir e de inteligência narrativa são para Ricœur indissociáveis:

L'intrigue apparaît alors comme une mise en système, un procès structurant par rapport aux moments discrets d'un temps purement chronologique. Une relation de réplique se met ainsi en place entre les structures du temps, où la discordance l'emporte sur la concordance (Saint Augustin: le caractère discordant de notre expérience du temps) et l'activité narrative qui est une tentative d'en faire une concordance discordante. La sémiotique du récit reprend en charge cette intelligence narrative et tente de rendre compte de la prévalence du configuratif sur le temps dispersé. Elle n'est donc pas autonome et dépend de cette intelligence qui la précède. Les structures aspectuelles pourraient être les connecteurs possibles entre cette intelligence narrative et la rationalité sémiotique. (ARRIVÉ e COQUET, 1987, p. 294)

Assim como no tópico anterior, Ricœur defende que a teoria semiótica é dotada de uma intencionalidade prévia. No caso, é a **inteligência narrativa**, que segundo Ricœur é inerente a todo ser humano. Então, mesmo que acreditemos que estamos apenas lidando com a lógica, no caso do quadrado semiótico, ou que não é necessário considerar o tempo para analisar uma narrativa, a princípio, de acordo com Ricœur, não é possível pensar uma narrativa sem que a inteligência narrativa entre em ação. Logo, o que podemos observar, é que Ricœur, apresentou diversas abordagens, de diferentes aspectos da teoria greimasiana, para tentar comprovar essa intencionalidade que ele afirmava ser inerente às narrativas.

A questão que nos interessa é especificamente sobre a relação entre a inteligência narrativa e o fato de a semiótica narrativa ser acrônica.

[...] O próprio Greimas percebe nessa ruptura um traço positivo: “a afirmação da liberdade do indivíduo” (p. 210). Assim, a mediação operada pela narrativa enquanto busca não poderia ser apenas lógica: **a transformação dos termos e de suas relações é propriamente histórica**. A prova, a busca, a luta não poderiam pois ser reduzidas ao papel de expressão figurativa de uma transformação lógica; essa é primordialmente a projeção ideal de uma operação eminentemente temporalizante. Em outras palavras, a mediação operada pela narrativa é essencialmente prática, seja, como o próprio Greimas sugere, por visar a restaurar uma ordem anterior que está ameaçada, seja por visar projetar uma nova ordem que seria a promessa de uma salvação. Quer a história narrada explique a ordem existente, quer

projete uma outra ordem, ela põe, enquanto história, um limite a todas as reformulações puramente lógicas da estrutura narrativa. É nesse sentido que a inteligência narrativa, a compreensão da intriga precedem a reconstrução da narrativa com base numa lógica sintática. (RICŒUR, 1995, p. 81-82 grifo do autor)

Ricœur reconheceu, posteriormente, que a introdução das estruturas aspectuais no modelo foi um passo à frente da teoria, que ele considerava rígida. Entretanto, para ele, foi apenas um passo, e Ricœur apesar de se animar com os novos desenvolvimentos da semiótica, não deixou de apontar as questões que ele acreditava que continuavam em aberto:

Não é fácil definir o lugar dessas estruturas aspectuais com relação às estruturas profundas, de um lado, e às estruturas discursivas coextensivas ao fazer, de outro. [...] Com essas expressões, porém, só se consegue recuar a relação com o tempo. Por outro lado, podemos nos perguntar se considerações aspectuais podem ser introduzidas antes de todo encadeamento sintagmático, de todo percurso discursivo; é por essa razão que, na análise detalhada das sequências do conto Maupassant, os traços aspectuais são introduzidos por ocasião de seus investimentos discursivos. Não conseguimos ver, com efeito, como relações lógicas se temporalizariam se não houvesse nenhum processo que exigisse uma estrutura sintagmática do discurso segundo a linearidade temporal. A introdução das estruturas aspectuais no modelo não se faz, pois, sem dificuldades. (RICŒUR, 1995, p. 90)

Ricœur em seus questionamentos acerca da questão do tempo na semiótica narrativa, apesar de reconhecer os ganhos com o desenvolvimento das categorias aspectuais, não se satisfaz. É possível que sua insatisfação seja pelo fato de ele ver de maneira diferente (sempre priorizando a intencionalidade) os mecanismos de narrativização. A aspectualização pode ser considerada um exemplo do caráter “misto” da teoria, na medida em que é ao mesmo tempo algo narrativo e discursivo ou pelo menos um fenômeno que diz respeito aos dois níveis. Apesar de não condizer literalmente ao “misto” de Ricœur, é o misto que ele defende e é o misto (o complexo, no sentido de termo complexo) que Greimas acaba por introduzir para fazer a mediação entre ação e discursivização.



## Explicar e compreender

Comment ai-je vu, pour ma part, la relation entre expliquer et comprendre dans le champ narratif? J'ai essayé de montrer dans mon travail que nous avons une sorte de familiarité culturelle des récits que nous avons compris depuis notre enfance, en passant par tout les récits que nous avons compris et aimés dans notre culture et qui développent ce que j'ai appelé une intelligence narrative. Et je vois la sémiotique comme une simulation rationnelle de ce que nous avons précompris, d'une certaine façon, par notre culture, au milieu des récits. Ce n'est pas une thèse adverse à la sémiotique, mais c'est l'affirmation tout simplement qu'il y a une sorte de guidage de la compréhension, toujours en sous-main, dans toutes les opérations de la narrativisation. (HÉNAULT, 1994, p. 199)

P. Ricœur (HÉNAULT, 1994, p. 196) afirmou que a questão da **dicotomia** entre explicar e compreender é uma questão alemã antiga, que remete ao artigo do filósofo hermenêutico Wilhelm Dilthey “La naissance de l’herméneutique” de 1900. Essa questão prosseguiu no pensamento alemão através de Martin Heidegger e dos pós-heideggerianos, como Hans-Georg Gadamer. Ludwig Wittgenstein e os neowittgensteinianos, uma vertente inglesa da filosofia, também abordaram o assunto. Na abordagem inglesa, a dicotomia era baseada na distinção entre o “jogo de linguagem” (que corresponde à compreensão) e o “jogo da causalidade” (que corresponde à explicação). Assim, alguma coisa acontece segundo uma causa, no jogo da causalidade; e algum fato acontece por alguma razão no jogo de linguagem da motivação.

Para Dilthey (RICŒUR, 1999, p. 435-436) o que compreendemos são os signos e o que explicamos são os fatos. Assim, quando estamos em presença dos signos, estamos no domínio da compreensão. E estamos no campo da explicação quando diante de algum fato. Dilthey tem a convicção de que os signos são a exteriorização de uma via psíquica secreta, e que o problema da compreensão está em “desobjetivar” os signos para encontrar o processo que os engendra. Entretanto, Ricœur afirma que os signos também são espécies de fatos, logo não é possível separar as coisas assim tão simplesmente.

Na visão do círculo de Viena, que continuou pela filosofia analítica principalmente pela forma do positivismo, apenas a explicação é suficiente (RICŒUR, 1999, p. 434). A compreensão aparece como uma modalidade subjetiva de apreensão do mundo. Para o círculo de Viena existem as ciências da natureza e as ciências do espírito:

[...] Ces dernières ne sont dignes du nom de science que dans la mesure où elles reposent sur les mêmes procédures d'explication que les sciences de la nature. Et si des procédures intuitives du genre de l'empathie, par quoi l'observateur communique avec des états psychiques étrangers, continue de jouer un rôle en psychologie, en anthropologie, en histoire, en sociologie culturelle, cela prouve seulement que ces sciences n'ont pas encore atteint le niveau d'une discipline scientifique rigoureuse, ce qui est peut-être le cas pour longtemps encore d'une quasi-science telle que l'histoire. La compréhension, selon cette philosophie de la science, ne saurait à aucun titre donner lieu à une épistémologie alternative. Au pis, elle n'est qu'un résidu de l'âge préscientifique survivant à l'âge de la science ; au mieux, elle constitue un corollaire plus ou moins subjectif de l'explication dans des sciences de niveaux épistémologique inférieur [...]. (RICŒUR, 1999, p. 434-435)

Ricœur considerava a dicotomia entre explicar e compreender obsoleta, mas acreditava que a distinção era justificada, mas de uma forma diferente: não havia uma dicotomia entre explicar e compreender, mas sim uma **dialética**. Segundo essa dialética, sempre há explicação e compreensão, sendo que uma será prioridade e a outra terá um lugar secundário. A ação prioriza a explicação, o discurso cotidiano equilibra a explicação e a compreensão e o discurso literário prioriza a compreensão.

O filósofo definiu a hermenêutica como uma maneira de distribuir a explicação e a compreensão, uma maneira na qual a explicação é o caminho para a compreensão. Há então um tipo de mediação do compreender pelo explicar, mas o compreender permanece dominante. A semiótica estrutural será definida, então, como uma outra implementação do mesmo tipo entre explicar e compreender, mas sob a condição de uma reversão metodológica que doa o primado à explicação e vai situar a compreensão no plano dos efeitos de superfície. (RICŒUR, 1999, p. 437).

Ricœur garantiu que a semiótica é como a hermenêutica uma disciplina interpretativa, mas com uma relação metodológica inversa. Ele exemplificou com uma análise do quadrado da veridicção:

[...] Quant au carré de la véridiction, le recours qui est fait ici aux catégories du paraître et de l'être me paraît donner cette fois la primauté à la phénoménologie, même si, ici encore, celle-ci a tout à gagner à voir se distribuer sur un carré, de façon à la fois élégante et convaincante, les quatre côtes de la véridiction: vérité, fausseté, mensonge, secret, sur la seule base des conjonctions entre être, paraître, non-être et non-paraître. Je dirai que nulle part l'intrication n'est plus étroite qu'ici entre sémiotique et phénoménologie, et, en ce sens, entre explication et compréhension, l'initiative revenant de façon plus ou moins forcée à l'explication dans cette version sémiotique de l'herméneutique. (RICŒUR, 1999, p. 448-449)

Assim, como nos dois tópicos anteriores, sobre a inteligência narrativa e sobre o caráter misto da teoria, voltamos à questão de que a semiótica narrativa, para Ricœur, não pode ser tão lógica assim quanto se espera que seja. Esse aspecto da abordagem de Ricœur vai de encontro com a questão dos impasses que culminaram com a mudança do paradigma da semiótica narrativa, na medida em que Ricœur questionou conceitos básicos da teoria como: a conversão entre níveis e a manutenção da lógica durante o processo, que ele refuta; sobre não ser possível pensar uma narrativa sem temporalidade, invocando a fenomenologia do tempo; sobre o caráter misto da teoria: lógico-prático, e que abarca uma “semântica da ação”. E principalmente, sobre a semiótica ser uma teoria hermenêutica, já que, na sua visão, ambas as teorias são interpretativas, na medida em que, mesmo opostamente, envolvem tanto a compreensão, quanto a explicação.

Prenons, par exemple, la question de la modalité [...] :comment est-ce que je comprendrais ce que signifie d'abord faire, même si on nous dit que le faire doit être pris en dehors de ses investissements anthropomorphiques? En réalité l'investissement anthropomorphique est le guide de compréhension qui accompagne la catégorie de l'actant. Un actant, ce peut être un animal, un démon, ou n'importe quoi. Greimas a mille fois raison: la catégorie de l'actant est bien plus vaste que celle de l'agent humain. Mais c'est précisément par notre familiarité avec les quasi-anthropomorphismes et la compréhension que nous avons de ces catégories anthropomorphiques que nous pouvons élever l'actant au rang de métacatégorie en quelque sorte, qui n'est plus justement de l'ordre phénoménologique, de l'ordre de la compréhension, mais qui est de l'ordre d'un construit par le discours sémiotique. (HÉNAULT, 1994, p. 200)

Entre os impasses que essas questões incitam e que o próprio Ricœur afirma que foram resolvidos, citamos: a instauração de categorias fóricas às estruturas profundas; as noções de objeto valor e valor modal; o desenvolvimento do destinador-manipulador e das modalidades; a distinção entre fazer pragmático e fazer cognitivo, e este dividido entre fazer persuasivo e fazer interpretativo; o quadrado de veridicção e as categorias aspectuais.

Se olharmos com atenção para esses itens podemos observar que houve na mudança do paradigma um movimento rumo à superfície do modelo e às profundezas: desenvolvimentos relacionados às categorias narrativo-discursivas, recém instauradas na época, como a aspectualização e as modalidades. Outro ponto importante é a complexificação do interesse do modelo: se antes o interesse era no quem “faz o quê”, agora esse “quem” e esse “o quê” serão no mínimo desmembrados, para que se descubra o “como”, o “porquê”, o “quando” e o “onde”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez não fosse absurdo sustentar que, uma terceira vez, o mesmo projeto científico voltava à ordem do dia, o de tentar reduzir a distância entre a reconstituição do movimento (e da dinâmica das mudanças no meio de uma teoria descontínua como a da narratividade) e a assimilação perceptiva do sentido vivido que, no próprio seio da língua, gerava fenômenos fluidos e contínuos. [...] Uma reflexão sobre a maneira com que um ser, um objeto, um lugar ou um momento adquirem valor a nossos olhos prolongaria esse início de renovação teórica. (HÉNAULT, 2006, p. 147)

Entre as inúmeras e importantes influências que levaram A. J. Greimas a desenvolver a semiótica, optamos por fazer um recorte sobre o que foi considerado o nível mais desenvolvido da teoria greimasiana: o paradigma da semiótica narrativa.

Nosso objetivo geral foi o de empreender um estudo historiográfico sobre o percurso da semiótica narrativa greimasiana. Este estudo foi segmentado em três etapas correspondendo aos três objetivos específicos da pesquisa: (a) aprofundar os conhecimentos sobre a influência de V. Propp e de C. Lévi-Strauss; (b) Compreender pela cronologia das obras greimasianas como foi a consolidação da teoria, desde as suas bases até a mudança no paradigma, por meio de um inventário de conceitos e de suas aplicações; e (c) retomar e compreender as críticas de P. Ricœur dirigidas à semiótica narrativa. Nosso corpus de análise consistiu em um inventário de textos da obra greimasiana, de V. Propp, Lévi-Strauss e do diálogo entre Greimas e P. Ricœur, além dos comentadores dessas obras.

No estudo sobre as origens da semiótica narrativa, lançamos mão da abordagem historiográfica, na qual selecionamos os elementos relevantes da história da semiótica com base em parâmetros específicos para a nossa abordagem. Essa abordagem, no caso, teve um foco estritamente bibliográfico. O principal interesse, foi o de investigar nos discursos dos teóricos estudados e nos discursos sobre esses discursos, os indícios de um percurso, da construção de um paradigma, a sua consolidação e também a sua mudança. O enfoque historiográfico contribuiu também para a compreensão de que a semiótica narrativa evoluiu como paradigma científico com a prevalência de continuidades e assimilações.

Partimos do pressuposto de que Greimas desenvolveu os princípios da semiótica narrativa ao unir numa só metodologia os elementos da análise desenvolvida por Propp para os contos russos e os da análise estrutural do mito desenvolvida por Lévi-Strauss. Em diversas sínteses do modelo, Greimas definiu os elementos que tornaram a semiótica narrativa um paradigma científico, efetivamente aplicável a qualquer tipo de narrativa.

Os estudos de V. Propp contribuíram diretamente para a construção do modelo actancial greimasiano e do desenvolvimento do esquema narrativo. E mesmo se afastando do modelo desenvolvido por Propp, Greimas, além de citá-lo inúmeras vezes em diversas obras, manteve termos e conceitos proppianos no *Dicionário de Semiótica*.

C. Lévi-Strauss contribuiu principalmente com as ideias de um modelo não linear, acrônico e que prioriza o aspecto paradigmático apontando para a variação da estrutura narrativa. Sobre a relação entre Greimas e Lévi-Strauss, constatamos que Greimas recorreu aos estudos sobre o mito de Lévi-Strauss e publicou em sua homenagem. Entretanto, salvo engano, como sugere Darrault-Harris (2013), essa relação foi unilateral. Deixamos em suspenso esta questão sobre um possível diálogo entre os dois teóricos, já que Greimas afirma, em um de seus artigos, que houve uma resposta de Lévi-Strauss (ainda que negativa) sobre uma de suas análises baseadas nos estudos do etnólogo. Entretanto, não encontramos até o momento novos indícios de como ou onde esse diálogo ocorreu.

A relação entre Greimas e Ricœur, sem dúvidas, é um dos elementos mais relevantes e pouco explorados para se compreender o desenvolvimento da semiótica narrativa. Num primeiro momento, em que Ricœur conhece apenas a *Sémantique structurale* e *Sobre o sentido* ele antecipa questões que foram desenvolvidas posteriormente como a temporalização, a rigidez nas conversões entre os níveis do percurso e o fato da semiótica ser, na verdade, uma teoria interpretativa (que prioriza a compreensão, mas não exclui a explicação) a partir da sua tese sobre a dialética entre compreender e explicar. Ricœur acompanhou todo o desenvolvimento da semiótica greimasiana e apesar de não fazer críticas somente ao nível narrativo, já que o interesse dele era ver o percurso como um todo, é desse nível que tratou a maior parte de seus apontamentos.

Greimas sempre cultivou um caráter questionador em relação à própria teoria, o que resultou nas mudanças do paradigma da semiótica narrativa.

Fidélité et changement: il y a peut-être quelque paradoxe, pour un chercheur, à affirmer vouloir rester fidèle à soi, alors que le projet scientifique, aujourd'hui, est le seul espace où la notion de progrès a encore du sens, que le renouvellement s'y inscrit comme le propre de tout effort théorique. Quel sens peut-on donner à ce désir de permanence si la sémiotique qu'on avait rêvée, loin de se satisfaire de la pure contemplation de ses propres concepts, devait mettre, à tout instant et à tout prix, la main à la pâte et se montrer efficace en mordant sur le "réel": l'objet à construire déterminait alors, dans une large mesure, la visée du sujet. (GREIMAS, 1983, p. 7)

Houve mudanças, mas não exatamente uma revolução no sentido kuhniano. O sistema actancial, por exemplo, mudou ao longo do tempo se adaptando às novas necessidades. Uma ruptura perceptível ocorreu em relação à proximidade que a teoria tinha com as outras teorias narratológicas no início de seu percurso. A partir de certo momento, a semiótica narrativa se torna tão abstrata e geral, que não se percebem mais restrições em relação aos tipos de objetos analisáveis, como acontecia no início, em que o primeiro sistema actancial e o esquema canônico das três provas restringiam os objetos analisáveis às narrativas mais figurativas, como os contos e os mitos.

Ao longo da pesquisa, tornou-se importante demonstrar a coerência entre os percursos teóricos que escolhemos tratar (entre Propp - Greimas - Ricœur). É perceptível que assim como Propp foi uma inspiração para a semiótica narrativa greimasiana, esta foi uma das inspirações para os estudos de narratividade de P. Ricœur.

Ricœur, como vimos, acompanhou o desenvolvimento da semiótica narrativa de perto e suas contribuições influenciaram o entendimento da teoria, na medida em que seus questionamentos, como a questão da semiótica ser uma teoria interpretativa, incita-nos a indagar a teoria e a compreendê-la de uma maneira não convencional. Uma das observações que fizemos a partir do percurso da crítica de Ricœur sobre a semiótica narrativa é que a semiótica é uma disciplina cujos desenvolvimentos se deram ao longo do tempo e de maneira “descentralizada”, de modo que a sua metalinguagem pode passar a impressão de ser difícil ou hermética. No entanto, quando atentamos para o conjunto dos desenvolvimentos dos estudos greimasianos, é possível ver a coerência e o caminho que percorreram para ultrapassar certos impasses.

A crítica de Ricœur colaborou para esse entendimento – literalmente – do “conjunto da obra”. Não se deve perder de vista a ideia de conjunto quando se estuda semiótica. Tanto em relação ao conjunto da obra greimasiana, quanto em relação ao fato de os desenvolvimentos posteriores da semiótica serem predominantemente estudos “descentralizados” que focam diferentes aspectos do modelo sem, contudo, perder a coerência epistemológica – o que, evidentemente, resta por demonstrar em futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ALTMAN, M. C. F. S. História, estória e historiografia da Linguística brasileira. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 14-37. 2012.
- ALTMAN, M. C. F. S. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.
- ARRIVÉ, M. e COQUET, J-C. **Sémiotique en jeu: à partir et autour de l'œuvre d'A. J. Greimas**. Paris: Hadès; Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1987.
- BARROS, D. L. P. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: Edusc, 2003.
- BREMOND, C. **Logique du récit**. Paris: Éditions Du Seuil, 1973.
- DARRAULT-HARRIS, I. La reencontre Greimas/Lévi-Strauss: une convergence éphémère? In: OLIVEIRA, A.C. (Ed.) **As interações sensíveis: ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Editora do CPS, p. 107-120. 2013.
- DOSSE, F. **Paul Ricœur: Les sens d'une vie (1913-2005)**. Paris: Éditions La Découverte, 2008.
- FIORIN, J. L. Semântica estrutural: o discurso fundador. In: Oliveira, A. C.; Landowski, E. **Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas**. São Paulo, EDUC, p. 17-42. 1995.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica [1979]**. Trad.: Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A.J., FONTANILLE, J., **Sémiotique des passions**. Des états des choses aux états d'âme, Seuil, Paris, 1991.

GREIMAS, A. J. **Du sens II**. Essais sémiotiques. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

GREIMAS, A. J. As aquisições e os projetos, [1976]. In: COURTÉS, J. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Trad.: Norma Backes Tasca. Coimbra: Livraria Almedina, p. 7 – 34. 1979.

GREIMAS, A. J. Os atuantes, os atores e as figuras. In: CHABROL, C. et al. **Semiótica narrativa e textual**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, p. 179 – 195. 1977.

GREIMAS, A. J. **Maupassant**. La sémiotique du texte: exercices pratiques. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Trad.: Ana Cristina Cruz Cezar et al. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, A. J. **Sémantique structurale**. Recherche de méthode. Paris: Larousse, 1966.

HÉNAULT, A. **História concisa da Semiótica**. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

HÉNAULT, A. **Le pouvoir comme passion**. Paris: Puf, 1994.

HÉNAULT, A. **Narratologie, sémiotique générale**: les enjeux de la sémiotique. v.2. Paris: PUF, 1983.

KOERNER, K. Questões que persistem em historiografia linguística. **Revista da ANPOLL**. n.2 p. 45-70. 1996.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Boiera; Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2000.



LANDOWSKI, E. Entre Ricœur e Greimas. **Galáxia**. n. 09, jun. p. 235-242. 2005.

LANDOWSKI, E. Apresentação. In: OLIVEIRA, A. C., LANDOWSKI, E. (eds.). **Do inteligível ao sensível**: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: EDUC, p. 7-14. 1995.

LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura e a forma: reflexões sobre uma obra de V. Propp [1960]. In. PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad.: Jasna Paravich Sarhan. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 201-233. 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

LOPES, E. **A identidade e a diferença**: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial, 1997.

LOPES, E. Saussure e Greimas. In.: OLIVEIRA, A. C., LANDOWSKI, E. (eds.). **Do inteligível ao sensível**: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: EDUC, p. 43-54. 1995.

MELETÍNSKI, E. M. O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso. In PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad.: Jasna Paravich Sarhan. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 157-200. 2010.

NASCIMENTO, J. V. Fundamentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística. In: NASCIMENTO, J. V (org.). **A historiografia linguística**: rumos possíveis. São Paulo: Terras do Sonhar: Edições Pulsar. p. 11-30. 2005.

PELLAUER, D. **Compreender Ricœur**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PORTELA, J. C. Práticas Didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana. **Tese** (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 181 p. 2008.

PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad.: Jasna Paravich Sarhan. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PROPP, V. Estudo estrutural e histórico do conto de magia. In.: PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad.: Jasna Paravich Sarhan. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

PROPP, V. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. Trad.: Tradução: Rosemary Costhek Abílio e Paulo Bezerra São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PROPP, V. **Édipo à luz do folclore**: quatro estudos de etnografia histórico-cultural. Trad.: António da Silva Lopes. Lisboa: Vega, [1980?].

RICŒUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tomo II. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

RICŒUR, P. Entre herméneutique et sémiotique [1990]. In : RICŒUR, P. **Lectures 2**. La contrée des philosophes. Paris: Seuil, 1999.

RICŒUR, P. A gramática Narrativa de Greimas [1980]. In. RICŒUR, P. **Leituras 2**. A região dos filósofos. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

RICŒUR, P. Figuration et configuration. à propos du Maupassant de A. J. Greimas [1976]. In : RICŒUR, P. **Lectures 2**. La contrée des philosophes. Paris : Seuil, 1999a.

SOURIAU, É. Duzentas Mil Situações Dramáticas [1950]. São Paulo: Ática, 1993.

SWIGGERS, P. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. **Revista Argentina de Historiografía Lingüística**. v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.rahl.com.ar>>. Acesso em: mai. 2013.

SWIGGERS, P. **História e Historiografia da Linguística**: status, modelos e classificações. Revista Eutomia, v. 2, ano 3, 2010.

TESNIÈRE, L. **Esquisse d'une syntaxe structurale**. Paris: Klincksieck, 1959.

## APÊNDICE A - CRONOLOGIA DA OBRA GREIMASIANA ANALISADA

Por data da primeira publicação.

[1960] Os provérbios e os Ditados (« idiotismes, proverbes, dictions », in Cahiers de lexicologie, p. 41-61) (Reimpresso em *Du sens*, 1970, p. 309-314)

[1963] A mitologia comparada (« La description de la signification et la Mythologie comparée » (in L'Homme, sept-déc., p. 51-66.) (Reimpresso em *Du Sens*, 1970, p.117-134)

[1966] Considerações sobre a linguagem “Considérations sur le langage”. (Reimpresso em *Du Sens*, 1970, p.19-38. Apresentação em colóquio)

[1966] Semântica estrutural (Sémantique structurale - Recherche de méthode, Paris, Larousse, 262 p.)

[1966] Por uma Teoria de interpretação da Narrativa Mítica (“Eléments pour une théorie de l’interprétation du récit mythique”, in Communications, 8, p.28-59.) (Reimpresso em *Du Sens*, 1970, p.185-230)

[1966] Estrutura e história “Structure et histoire”, in Les temps modernes, 246, p. 815-827) (Reimpresso em *Du Sens*, 1970, p. 103-115)

[1967] A estrutura dos actantes da Narrativa (“Approche générative de l’analyse des actants”, in Word, 23, 1-2-3, p.221-238, en hommage à A. Martinet.) (Reimpresso em dans *Du Sens*, 1970, p. 249-270 )

[1967] A linguística estrutural e a poética (“Les relations entre la linguistique structurale et la poétique”, in Revue internationale des Sciences Sociales, vol. XIX, N°1.) (Reimpresso em *Du Sens*, 1970, p.271-283)

[1967] A escritura cruciverbista (“L’écriture cruciverbiste”, in To honor Roman Jakobson, La Haye-Paris, Mouton, p.799-815.) (Reimpresso em *Du Sens*, 1970, p.285-307)

[1968] O jogo das restrições semióticas (Com F. Rastier, “The interaction of semiotic constraints”, in *Yale French Studies*, 41, p.86-105.) Reimpresso em *Du Sens*, 1970, p.135-155)

[1968] Para uma sociologia do bom senso (Per una sociologia del senso comune”, in *Rassegna Italiana di sociologia*, 2, p.199-209, en hommage à S. Zólkiewski.) (Reimpresso em *Du Sens*, 1970, p.93-102)

[1968] Condições para uma Semiótica do mundo natural (« Conditions d’une sémiotique du monde naturel », in *Pratiques et langages gestuels, Langages*, 10, (Greimas, éd.), p.3-35.) (Reimpresso em *Du Sens*, 1970, p.49-91)

[1969] A estrutura Semântica. (« La structure sémantique », communication présentée au symposium organisé par Wenner-Gren Foundation sur Cognitive Studies and Artificial Intelligence Research, Chicago;) (Reimpresso em *Du Sens*, 1970, p.39-48)

[1969] Elementos de uma gramática narrativa (« Éléments d’une grammaire narrative », in *L’Homme*, IX, 3, p.71-92.) (Reimpresso em *Du Sens*, p.157-183)

[1970] Sobre o sentido (*Du Sens - Essais sémiotiques*, Paris, Le Seuil, 314 p.)

[1970] A busca do medo (homenagem a C. Lévi-Strauss, artigo inédito em *Du Sens*, 1970: “La quête de la peur: réflexions sur un groupe de contes populaires”)

[1973] Um problème de sémiotique narrative: les objets de valeur (in *Langages*, 31, p.19-35.) (Reimpresso em *Du Sens II*, 1983, p.13-48)

[1973] Les actants, les acteurs et les figures (in *Sémiotique narrative et textuelle* de C. Chabrol et alii, éd., Paris, Larousse, p. 161-176.) (Reimpresso em *Du Sens II*, 1983, p.49-66)

[1973] Description et narrativité à propos de « la Ficelle » de Maupassant (in *Revue canadienne de linguistique romane*, 1.1.) (Reimpresso em *Du Sens II*, 1983, p. 135-155)

[1974] Le contrat de véridiction (communication faite lors du Colloque sur Le craisseuble et la fiction (Recherches sur le contrat de véridiction) à Montréal (octobre); publié par Langages, V, 2 (Tokyo), 1976;) (Reimpresso em *Du Sens II*, 1983, p. 103-113)

[1975] Des accidents dans les sciences dites humaines (in *versus*, 12. P. 1-31) (Reimpresso em et dans *Du Sens II*, 1983, p. 171-212)

[1976] Maupassant. A semiótica do texto: exercícios práticos (Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques, Paris, Le Seuil, 277p.)

[1976] Pour une théorie des modalités( in *Langages*, 43, p.90-107.) (Reimpresso em *Du Sens II*, 1983, p.67-91)

[1976] As aquisições e os projetos In: Courtés (Les acquis et les projets”, Préface du livre de J. Courtès, *Introduction à la sémiotique narrative et discursive*, Paris, Hachette Université, 144 p.)

[1979] Dicionário de Semiótica (com J. Courtés, *Sémiotique - Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Paris, Hachette Universitté, 424 pages)

[1979] La soupe au pistou ou la construction d'un objet de valeur (in *Actes sémiotiques, Documents*, 5, p.4-16.) (Reimpresso em *Du Sens II*, 1983, p.157-169)

[1979] De la modalisation de L'être (in *Actes sémiotiques, Bulletin*, 9, p.9-19.) (Reimpresso em *Du Sens II*, 1983, p.93-102)

[1981] De la colère étude de sémantique lexicale (in *Actes sémiotiques, Documents*, 27 p.9-27.) (Reimpresso em *Du Sens II*, 1983, p. 225-246)

[1982] Le défi (in *Actes sémiotiques, Bulletin*, 23, p. 39-48.) (Reimpresso em *Du Sens II*, 1983, p. 213-223)

[1983] *Du Sens II - Essais sémiotiques*. Paris, Le seuil, 246 p.

[1983] Le savoir et le croire: un seul univers cognitif. Fait partie d'un recueil collectif: De la croyance (Approches épistémologiques et sémiotiques, textes présentés par H. Parret, Berlin - New York, W. De Gruyter, 1983, p. 130-145.) (Reimpresso em *Du Sens II*)

## APÊNDICE B – INVENTÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS DA SEMIÓTICA NARRATIVA

\* Nesse inventário, estão os termos que constam no *Dicionário de Semiótica* que foram ou serão citados nesta pesquisa. Os verbetes selecionados fazem parte do universo da semiótica narrativa e foram agrupados de acordo com três parâmetros: (1) fazer parte do desenvolvimento da SN; (2) ter sido influência da obra de Propp e (3) ter sido influência da obra de Lévi-Strauss, sendo que essa influência foi detectada principalmente em forma de citação direta dos autores no verbete ou identificada em referências em outras obras do corpus.

Verbetes do Dicionário de Semiótica
Actancial p. 20
Adjuvante p. 20
Antidestinator p. 31
Antidoador p.
Sintaxe Antropomorfa p. 33
Aquisição p. 33
Apropriação p. 34
Asserção p. 40
Ato p. 42
Atribuição p. 46
Competência p. 74
Complementaridade p. 77
Termo complexo p. 78
Conjunção p. 90
Modelo constitucional p. 94
Contradição p. 98
Contrariedade p. 99
Conversão p. 102
Crer p. 107
Denegação p. 121
Modalidades Deônticas p. 124



Destinador/Destinatário p. 132
Dever p. 134
Disforia p. 149
Disjunção p. 149
Enunciado p. 168
Modalidades epistêmicas p. 172
Esquema p. 179
Estado p. 180
Estrutura p. 183
Euforia p. 192
Fazer p. 202
Falsidade p. 205
Fiduciário p. 208
Função p. 223
Percurso gerativo p. 232
Implicação p. 256
Impossibilidade p. 259
Improbabilidade p.259
Incerteza p.259
Fazer informativo p. 265
Injunção p. 266
Manipulação p. 300
Mentira p. 305
Modalidade p. 314
Narrador/narratário p. 327
Percurso narrativo p. 334
Necessidade p. 337
Negação p. 337
Termo/dêixis Negativo p. 338
Termo neutro p. 339
Nível p. 339
Objeto p. 346
Ocultação p. 349

Operação p. 350
Oponente p. 351
Oposição p. 352
Orientação p. 353
Papel p. 357
Parecer p. 361
Percurso p. 362
<i>Performance</i> p. 362
Permissividade p. 366
Fazer persuasivo p. 368
Pivô narrativo p. 370
Poder p. 372
Termo/dêixis Positivo p. 378
Predicado p. 381
Prescrição p. 382
Probabilidade p. 385
Estrutura profunda p. 387
Programa narrativo p. 388
Quadrado semiótico p. 400
Qualificação p. 405
Querer p. 406
Fazer receptivo p. 407
Reconhecimento p. 409
Revalorização p. 422
Saber p. 425
Sanção p. 427
Segredo p. 428
Sema p. 429
Sequência p. 457
Ser p. 458
Subcontrariedade p. 484
Sujeito p. 487
Ter p. 500

Transformação p. 510
Troca p. 514
Valor p. 526
Verdade p. 529
Veridicção p. 530
Modalidades veridictórias p. 532
<b>Verbetes ligados a V. Propp</b>
Actante p. 20
Agressor p. 25
Auxiliar p. 48
Busca p. 51
Consequência p. 93
Contrato p. 99
Decepção p. 115
Decisão p. 116
Prova decisiva p. 116
Defrontação p. 119
Desposseção p. 130
Desqualificação p. 130
Doação p. 152
Doador p. 152
Dominação p. 153
Duplicação p. 154
Estruturas actanciais e actoriais p. 186
Etnossemiótica p. 191
Execução p. 194
Falta p. 205
Função p. 224
Prova glorificante p. 238
Herói p. 242
Informante p. 265
Interdição p. 268

Justiça p. 274
Logro p. 298
Marca p. 303
Moralização p. 318
Morfologia p. 319
Narrativa p. 327
Narratividade p. 328
Esquema narrativo p. 330
Privação p. 385
Prova p. 394
Punição p. 399
Prova qualificante p. 405
Recompensa p. 408
Renúncia p. 419
Retribuição p. 422
Prova simulada p. 466
Prova substitutiva p. 487
Vilão p. 535
Vingança p. 535
Verbetes ligados a C. Lévi-Strauss
Arcabouço p. 36
Categorização p. 56
Mitologia Comparada p. 70
Conector de isotopias p. 86
Cultura p. 109
Deceptor p. 115
Discurso/nível Mítico p. 312
Mitologia p. 313
Recorte p. 410